

Organizadora  
**Taysa Matos**

# **DIREITO E ARTE**

**Pela Poesia do Direito!**



**tirant**  
lo blanch

**Organizadora**  
**Taysa Matos**

# DIREITO E ARTE

## Pela Poesia do Direito!



**tirant**  
lo blanch



**Copyright**© Tirant lo Blanch Brasil

*Editor Responsável:* Aline Gostinski

*Assistente Editorial:* Izabela Eid

*Capa e diagramação:* Natália Carrascoza Vasco

*Foto de capa:* Luc Stadnik

**CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO:**

**EDUARDO FERRER MAC-GREGOR POISOT**

*Presidente da Corte Interamericana de Direitos Humanos. Investigador do Instituto de Investigações Jurídicas da UNAM - México*

**JUAREZ TAVARES**

*Catedrático de Direito Penal da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Brasil*

**LUIS LÓPEZ GUERRA**

*Ex Magistrado do Tribunal Europeu de Direitos Humanos. Catedrático de Direito Constitucional da Universidade Carlos III de Madrid - Espanha*

**OWEN M. FISS**

*Catedrático Emérito de Teoria de Direito da Universidade de Yale - EUA*

**TOMÁS S. VIVES ANTÓN**

*Catedrático de Direito Penal da Universidade de Valência - Espanha*

D635      Direito & arte : pela poesia do direito! [livro eletrônico]  
Organizadora Taysa Matos. - 1.ed. – São Paulo :  
Tirant lo Blanch, 2021. (Direito & Arte : Pela Poesia do  
Direito; 4)  
944 kb; livro digital

ISBN: 978-65-5908-135-6

1.Direito. 2. Arte. 3. Poesia. 4. Fotoplastia. I. Título.

CDU: 34+82-1

*É proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, inclusive quanto às características gráficas e/ou editoriais.*

*A violação de direitos autorais constitui crime (Código Penal, art.184 e §§, Lei nº 10.695, de 01/07/2003), sujeitando-se à busca e apreensão e indenizações diversas (Lei nº9.610/98).*

*Todos os direitos desta edição reservados à Tirant Empòrio do Direito Editorial Ltda.*



***Todos os direitos desta edição reservados à Tirant lo Blanch.***

Avenida Brigadeiro Luiz Antonio nº 2909, sala 44.

Bairro Jardim Paulista, São Paulo - SP CEP: 01401-000

Fone: 11 2894 7330 / Email: editora@tirant.com / atendimento@tirant.com

www.tirant.com/br - www.editorial.tirant.com/br/

**Organizadora**  
**Taysa Matos**

# DIREITO E ARTE

## Pela Poesia do Direito!

Aicha Eroud  
Alanis Marcela Carvalho Matzembacher  
Aline Venutto  
Ana Patricia Gonzalez  
Belmiro Jorge Patto  
Bianca Rosenthal  
Bruno Takahashi  
Caio Vlasak  
Carlos Henrique Duarte Araújo  
Edson Pereira Silveira  
Eliane Câmara  
Elizabeth de Araújo Souza  
Ezilda Melo  
Fábio Junqueira Barbosa Teixeira  
Gabriela Ponce  
Gustavo Medeiros  
Idayane Ferreira  
Imane Rane  
Ismar Nascimento Jr.  
Jaider Esbell  
Jefferson de Carvalho Gomes  
Karina Guerreiro de Sá  
Larissa Vitória Costa

Laura Cecília Fagundes  
Marcia Leticia Gomes  
Marilena Wolf de Mello Braga  
Milena Márcia de Almeida Alves  
Monique Pena Kelles  
Nely Nazareth  
Nic Cardeal  
Paloma Braga  
Patricia Leite Carvão  
Patrícia Salviano  
Patty Oliver  
Paula Yurie Abiko  
Poliana Policarpo  
Rafaela Alban  
Raique Lucas de J. Correia  
Renan Francelino da Silva  
Rodolfo Pamplona Filho  
Rodrigo Luz  
Sebastião Marques Neto  
Suelen Tavares Gil  
Taysa Matos  
Ualy Castro Matos  
Wellington Jacó Messias



**tirant**  
lo blanch

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	9
A POESIA DO DIREITO .....	11
ESPELHO D'ÁGUA.....	12
2020 .....	13
AACORDAR .....	14
AÇÃO .....	15
AH! TEMPO .....	16
ALÉM DO VISÍVEL .....	18
AMAR É SOFRER .....	20
AMAR-SE É UMA ARTE .....	21
AMOR SEM PROMESSAS.....	22
ARMA .....	23
AS MULHERES NÃO ESTÃO MAIS ATRÁS DA PORTA.....	24
AS NOSSAS MORTES DE CADA DIA.....	26
AS SETE LUAS DE SETEMBRO.....	28
BAITA TROVA.....	30
BARULHO DO DIA.....	31
BASTA!.....	32
CACOS.....	34
CADA UM .....	35
CARTOGRAFIA DE UM POETA .....	36
CINCO LETRAS QUE CHORAM.....	37
COMBATE À ACRASIA .....	38
UM POEMA PARA CONCILIAR .....	40
COVID-SE.....	44
CRISTAL.....	46
DECIDINDO SEU PAPEL.....	47

<b>DEIXAR IR.....</b>	<b>48</b>
<b>DESDÉM .....</b>	<b>49</b>
<b>DEU NO CÉU .....</b>	<b>50</b>
<b>DIGNIDADE.....</b>	<b>51</b>
<b>DIREITO E ARTE .....</b>	<b>52</b>
<b>DIREITO, JUSTIÇA E EFETIVIDADE .....</b>	<b>53</b>
<b>DISTÂNCIAS.....</b>	<b>55</b>
<b>DO PERIGO DE GUARDAR.....</b>	<b>56</b>
<b>DOS DIREITOS.....</b>	<b>57</b>
<b>EGO E ALMA .....</b>	<b>58</b>
<b>EM MEMÓRIA DE NÓS .....</b>	<b>59</b>
<b>EMBALADA .....</b>	<b>60</b>
<b>ENCAIXE.....</b>	<b>61</b>
<b>ENQUANTO QUEIMAVA O OVO, CLARICE.....</b>	<b>62</b>
<b>ENTRE UM VERSO E OUTRO.....</b>	<b>63</b>
<b>ESCREVENDO SOBRE A VIDA EM TONS E SOBRETONS MUSICAIS E POÉTICOS ATEMPORAIS.....</b>	<b>65</b>
<b>ESCRITA FEMININA .....</b>	<b>67</b>
<b>ESCRITAS DE AUTORIA FEMININA.....</b>	<b>68</b>
<b>ESPERANÇA .....</b>	<b>69</b>
<b>ETAPAS .....</b>	<b>71</b>
<b>EXECUÇÃO FISCAL .....</b>	<b>72</b>
<b>EXPRESSO DE PALAVRAS .....</b>	<b>73</b>
<b>GENI, O ZEPELIM E O DIREITO PENAL .....</b>	<b>74</b>
<b>GUERRA.....</b>	<b>77</b>
<b>HARRY POTTER E O MELHOR INTERESSE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE .....</b>	<b>78</b>
<b>HOJE É DIA DE FESTA.....</b>	<b>80</b>
<b>HORIZONTE D'ÁGUA.....</b>	<b>81</b>
<b>HUMANIDADE É A PALAVRA CHAVE .....</b>	<b>83</b>
<b>INCONTROLÁVEL TEMPO .....</b>	<b>84</b>
<b>INSÔNIA .....</b>	<b>85</b>

INSPIRAÇÃO .....	86
ISOLAMENTO .....	87
JORGES PORTUGAIS .....	88
LAR .....	90
LENÇOS UMEDECIDOS.....	91
LIBERDADE. SERÁ? .....	92
MAPA ASTRAL.....	93
MEDIAÇÃO HUMANISTA .....	94
MIGNONNES .....	95
MISTERIOSO TEMPO.....	99
MORTE.....	100
MULHER.....	101
O QUE IMPORTA?.....	103
O RICO E O POBRE OU O CABREIRO E O ADVOGADO .....	104
O SOPRO DO AMANHÃ .....	107
O TEMPO.....	108
ÓCULOS ESCUROS .....	109
ODE AO MESTRE SUASSUNA .....	110
ODEIO-TE .....	111
ODISSEIA HUMANA .....	112
OLHEI ALGO SOBRE.. E FUI PRO CARNAVAL!.....	115
PÂNICO MORAL .....	117
PAREDES.....	118
PARTILHO .....	119
PELOURINHO .....	120
PERVERSÃO.....	121
PINDORAMA.....	122
POEMA ESGANADO.....	123
POEMA JURÍDICO .....	124
POEMA MÓRBIDO .....	127
POR QUE SEMPRE O TEMPO? .....	128

<b>PRIMAVERA .....</b>	<b>130</b>
<b>QUASE 6 ANOS... (CONSTRUÇÃO) .....</b>	<b>131</b>
<b>QUE TAL VIRARMOS A PÁGINA JUNTOS? .....</b>	<b>132</b>
<b>QUEBRADA .....</b>	<b>134</b>
<b>REALIDADES .....</b>	<b>135</b>
<b>RESOLUÇÃO NOTURNA .....</b>	<b>137</b>
<b>SENTIR.....</b>	<b>138</b>
<b>SEXTA FEIRA NA BAHIA.....</b>	<b>139</b>
<b>SOB A ÓTICA DESSE PRISMA .....</b>	<b>140</b>
<b>SOBREVOE .....</b>	<b>142</b>
<b>SOMOS A MELHOR INVENÇÃO DA ARTE .....</b>	<b>143</b>
<b>TATUAGEM.....</b>	<b>144</b>
<b>TEMPOS DIFÍCIES .....</b>	<b>145</b>
<b>TENTATIVA DE POEMA.....</b>	<b>146</b>
<b>*TOC TOC* .....</b>	<b>147</b>
<b>TRAVESSIA .....</b>	<b>150</b>
<b>UM MERGULHO NO AZUL.....</b>	<b>152</b>
<b>UM RECADO JOVEM AOS JOVENS-ADULTOS: REFLITAMOS SOBRE A VIDA E SUA SETÊNIALIDADE .....</b>	<b>153</b>
<b>UM SOL DE PALAVRAS .....</b>	<b>156</b>
<b>UNS VERSOS ENTRANHADOS.....</b>	<b>158</b>
<b>VESTIR NÓS MESMOS .....</b>	<b>160</b>
<b>VIVEMOS EM DISFORIA.....</b>	<b>161</b>

# APRESENTAÇÃO

Os poemas publicados por autores de diferentes áreas na coluna “Direito e Arte” do site Empório do Direito, durante os anos de 2018 a 2020, encontram-se cronologicamente reunidos em quatro livros, cuja sequência de títulos coloca em jogo os termos Poesia e Direito: “Pelo Direito da Poesia!”; “Pela Poesia do Direito!”; “Pela Poesia no Direito!”; e “Pelo Direito na Poesia!”. Mas afinal, onde reside a poesia? Como encontrar o endereço de sua mágica morada?

Percorrendo o mapa interno dos quatro volumes, o leitor se depara com a vizinhança entre duas formas de arte – poemas e fotografias – que se associam (conforme seleção da organizadora Taysa Matos) em torno da poesia, essa habitante de diversas moradas. O poeta e ensaísta mexicano Octávio Paz, em um dos capítulos do seu livro “O Arco e a Lira”, obra teórica de forte viés poético, afirma que “uma tela, uma escultura, uma dança são, a seu modo, poemas. E esse modo não é muito diferente ao do poema feito de palavras. A diversidade de artes não impede sua unidade”. A poesia mostra não ter residência fixa, antes transita por diferentes campos da arte e da vida, expressando-se por meio de diferentes signos: da móvel arquitetura das palavras aos diversos ângulos da fotografia; da tela pintada à contemplação de uma paisagem; do eu lírico ao eu social; das narrativas da ficção às narrativas da história; do privado mundo interior ao público espaço das relações humanas. Afinal, voltando aos sábios ensinamentos de Octávio Paz: “paisagens, pessoas e fatos podem ser poéticos: são poesias sem ser poemas”.

E o que torna arte e vida acontecimentos poéticos? Para o teórico russo Victor Chklovski, a imagem poética é uma forma de intensificação dos nossos sentidos, que automatizados pelo cotidiano não conseguem perceber a singularização presente em nosso entorno. Assim, a experiência poética nos apresenta o mundo como se o víssemos pela primeira vez. A poesia nos proporciona, então, a oportunidade de um olhar sempre inaugural, um olhar deslocado, que abandona as amarras de um significado preestabelecido para ingressar na abertura

dos sentidos, vivenciando as múltiplas camadas do signo poético, sua densidade, a errância de seus diversos fios, sua possibilidade de colocar as várias linguagens da arte e da vida em constante transformação – mágicas e nômades moradas.

Exercício do olhar e do sentir, a poesia é simultaneamente expressão e percepção. Reside simultaneamente naquele que se dedica ao fazer poético, intensificando uma experiência de linguagem, e naquele que a percebe em sentimentos preexistentes, revelados enfim pelo contato com a experiência poética. O endereço ideal para a poesia estaria nessa esquina entre a obra oferecida e a sensibilidade de quem a acolhe. Encontro surpreendente que faz a voz de um ressoar no peito do outro, reverberando em outras tantas possibilidades do fazer poético.

Esta apresentação é um convite para uma visita aos múltiplos cômodos dessa morada em quatro volumes, a fim de vivenciarmos juntos a experiência do poético, residente em cada um de nós e que nos torna humanos.

**Marisa Aurea de Sá Falcão**  
Doutora em Literatura e Cultura (UFBA)

# A POESIA DO DIREITO

Por iniciativa das editoras Tirant e Empório do Direito, foi aberta uma oportunidade para todos nós que atuamos na área do Direito e até mesmo em outras áreas.

Trata-se da coluna “Direito e Arte”, que publica semanalmente poesias e contos de integrantes da Justiça e profissionais de outras áreas, com o intuito não só de divulgar a literatura, como também para amenizar nossa tão árdua tarefa ao lidar com o Direito, buscando incansavelmente a verdadeira Justiça.

Esta pequena janela que nos foi aberta proporcionou vastos horizontes, pois a poesia nos faz viajar para lugares nunca vistos, derrubar muros, refletir, chorar, sorrir, voar pelo infinito e mergulhar fundo dentro de nós mesmos e ainda tocar sem medo nossos semelhantes.

Uma vez mais abrindo janelas, agora uma bela iniciativa de publicar a coletânea dos trabalhos da coluna, numa mescla deliciosa de olhares tão diversos de seus colaboradores.

Essa janela, de forma tão simples, nos oferece, principalmente, leveza ao nosso trabalho, pois é certo que entre palavras tão formais, na dureza de tantas incertezas, diante de tantas injustiças e na busca da própria justiça, existe a poesia. Sim! Existe a poesia do Direito.

Nas palavras de Clarice Lispector, “a palavra é meu domínio sobre o mundo”.

Usando a palavra e o sonho, como toda poetisa, sonho e desejo esse sonho a todos, poetas ou não, que mais janelas, mais portas se abram, que novos mares, ventos, sentimentos e sabores sejam conhecidos através deste livro.

**Nely Nazareth**

# ESPELHO D'ÁGUA

Um reflexo  
Uma certeza  
Um sentimento  
exposto no espelho d'água.

É na água parada que quase toco sua presença.  
Nela leio sua imagem, sinto seu som.  
Em um breve afago, estendo a mão e vejo o silêncio que demarca o tempo.

Seu reflexo na água se fazendo de espelho.  
Suas folhas, cores e sabores. Sua existência.  
Certa. Calma. Forte. Absoluta.  
Sua imagem traz a calma que vem do vazio que contempla o dia,  
Da essência que forma os sonhos e faz os destinos vagos.

Reflexos em espelho d'água.  
Liberdade reduzida.  
Desejos protegidos em névoas.  
Alma gasta.

No espelho, a individualidade crua.  
Na amplitude, o coletivo desfolhado.  
Na força projetada, a emoção de uma água nua que vai e vem sem parar no chão.  
Renovação.

A esperança sacode as folhas;  
Captura os raios do sol;  
Se esconde na névoa muda;  
Canta e evapora;  
Vibra com o vento.  
Para depois refletir a (des)ilusão no espelho d'água.

# 2020

Ano maldito você.  
Abismo rasgado no tempo.  
Parastes o mundo.  
O medo foi o teu presente  
A todos fizestes reféns.

Mãos apartadas.  
Bocas tampadas.  
A morte fizestes rainha.  
O sofrimento seu imperador.

Mas, não matastes a esperança  
Escondida nos corações.  
Agora, o relógio sinaliza teu fim.  
O tempo te arrasta ao passado.

O amanhã bate a porta.  
Todos livres de ti!  
Retiram-se as máscaras,  
Unem-se as mãos.  
Retornam os abraços,  
O mundo volta a sorrir.

**Karina G de Sá**

# AACORDAR

Acordem, enfeitados de pré-conceitos!

Vamos lavar nossas redes!

Acorda que o outro nunca.

Esse nascer/pôr lindo é queimada, minha gente.

Deixemos de ser lesos. Isso é uma falsa beleza.

Cuidemos.

Sim, a gente

fica

exausto

mas

quando repousamos

NOSSOS corpos

nas nossas redes

e deixamos as estrelas girarem

acordamos

ainda mais vivos.

Dormir bem bom é medicina.

Gratidão dia, perdão vida, amanhã tem mais!

**Jaider Esbell**

# AÇÃO

Um ato

Medit(ação)

Uma ausência

Respir(ação)

Uma pensamento

Or(ação)

Um grito

Transform(ação)

Um silêncio

Invoc(ação)

Para tudo

Ação

Uma origem

Cor(ação).

**Aline Venutto**

# AH! TEMPO

Força insana que vibra no metal dos sinos  
Desola corações,  
Faz calar almas,  
Nubla os céus,  
Entorpece os homens.

Dinâmica que cronometra sentimentos,  
Desperta sorrisos,  
Que entristece lábios.

Deus das horas  
Que crava os pingos na terra  
Trazendo a chuva,  
Que endurece o chão  
Ao se abrir em veias  
Nos caatingais sem flor.

Na infância,  
Era um pai generoso,  
Me conduzia sobre as árvores,  
Brincava na ciranda de roda  
E, com a leveza da brisa matinal,  
Tocava meu rosto

Aos poucos,  
Rasgou o véu de seda que cobria minha pele,  
Com mão implacável,  
Não hesitou em marcar minha face.

Agora, é um menino travesso,  
Vai saltando dias,  
Moldando estações,  
Ouvindo preces.

Com seu poder enigmático,  
Torna-se um amigo  
Que vem arrefecer a dor,  
Secar as lágrimas,  
Anunciar outro amanhecer.

Ah, tempo,  
Tu ontem foste grão na terra,  
Hoje és colheita,  
O sol que dissipa nuvens,  
O calar da ciência,  
Rompimento,  
Mutação, cisão.

És, por fim,  
O ciclo maior da existência,  
O porvir na vivência  
O milagre dos segundos,  
O verdadeiro renovar da vida.

**Poliana Policarpo**

# ALÉM DO VISÍVEL

Já nem sei o que dizer  
O que vai prevalecer  
No próximo amanhecer  
Diante de tantas arbitrariedades

Sem saber o que pensar  
Nem o que almejar  
Nossos passos estão calejados em cadafalsos  
Em meio a tantos embaraços

Vivendo em utopia  
Desejando em demasia  
Aquilo que almeja ter  
E ser

Num momento delicado  
De lapsos inebriados  
Buscava a ousadia  
De melhorar algo em meio ao caos

O peso das palavras  
Demasiadas vezes mal pensadas  
Eram escarradas como um murro  
Diante de nossos escudos

Sem saber o que viria  
Diante de tanta ousadia  
De quem não seguia  
Minimamente o razoável

Buscava sentir-se estável  
Enquanto por dentro

Evitando lamentos  
Mas sedento de vida

Seu corpo e sua alma  
Pulsava por calma  
Ou qualquer outro sentimento de alívio  
Diante dos fatos e tudo o que estava sendo vivido

Os passos da caminhada  
Tornavam-se jornadas  
E entre os amores e dores  
Complexos e reflexos

Seguia em seu emaranhado de emoções  
E reflexões  
O sentido de estar vivo  
De querer ser e enxergar além do próprio umbigo

De sentir-se pulsante  
No complexo delirante  
De que esse complexo de mundo  
Irá um dia se organizar e ser capaz de mudar o rumo.

**Paula Yurie Abiko**

# AMAR É SOFRER

Sofremos da angústia quando nos descobrimos apaixonados

Depois sofremos com a incerteza de estarmos ou não sendo correspondidos com a nova paixão

Para depois sofrer com as primeiras brigas da vida à dois

Sofremos com o frio na barriga, com o medo e sobretudo com a cumplicidade

Sofremos com o sofrimento do outro ou da outra

Sofremos antes de casar, em alguns momentos sofremos durante o casamento e sofremos sobremaneira quando o casamento acaba

Sofremos quando perdemos o outro ou a outra, seja pela finitude da vida ou pela finitude de vontades

Porque o amor, ah o amor... ele nunca acaba!

Somente se transforma e vai te levar para sofrer em outro lugar e com outras pessoas

Amar é sofrer!

**Jefferson de Carvalho Gomes**

# AMAR-SE É UMA ARTE

Tome aquela porção de ar,  
Que faz você lembrar  
Da água transformando a terra.  
O hoje será sempre  
O primeiro dia da sua vida  
E quando acordar pela manhã,  
Verá a Luz que irradia  
Refletida no nascer do sol,  
Animando a voz do coração  
Com sua poesia.  
Sinta a plenitude.  
A arte é a nossa melhor companhia.  
Essa canção é para o mundo inteiro ouvir:  
Deixa fluir. Encante!  
O pulsar que vem da emoção.

**Ualy Matos**

# AMOR SEM PROMESSAS

Quando se ama,  
fazem-se promessas,  
como se houvesse necessidade  
de verbalizar  
que se pode fazer tudo  
por amor

Mas prometer gera expectativas  
que, quando não realizadas,  
causam uma frustração,  
como se o amor perdesse força  
por uma promessa não cumprida.

É olhar uma parte pelo todo,  
o acessório pelo principal,  
o detalhe pelo conjunto,  
o universo por um lugar  
a vida por um dia

Amar não exige promessas  
Amar exige amar  
Amar sem promessas  
Amar, simplesmente amar.

**Rodolfo Pamplona Filho**

# ARMA

O trabalho é um andar contínuo.

O amor é algo próprio a compartilhar.

Deus é algo como a natureza e na passagem devemos ser firmes.

Quando se avista o novo tempo todas as armadilhas são desativadas.

Quando a arapuca está desarmada ela não é mais armadilha.

A minha vida é do povo que quer.

Quem não quer respeitamos e pedimos licença pois viemos para passar deixando.

Gratidão!

**Jaider Esbell**

# AS MULHERES NÃO ESTÃO MAIS ATRÁS DA PORTA

Talvez uma das interpretações mais marcantes do nosso cancionero popular seja da música de Chico Buarque e Francis Hime, *Atrás da Porta*, na voz potente e arrebatadora de Elis Regina.

Em seu livro *Noites Tropicais*, Nelson Motta infere que toda a emoção que transborda da voz de Elis está diretamente relacionada à ruptura então recente de seu casamento com Ronaldo Bôscoli, aliada a um nascente amor por César Camargo Mariano, que lhe acompanhou ao piano.

A melodia de Hime, que começa suave, segue num crescente e depois suaviza novamente, casa com perfeição à letra de Chico, composta em duas etapas, que revela o carrossel de emoções que, via de regra, permeiam as separações amorosas.

Chico, de quem sou fã confessa, em significativa parte do seu trabalho, assume – para usar uma expressão contemporânea – um lugar de fala feminino, mas que serve também de representação histórica, não exatamente de como viviam as mulheres, mas como, de fato, elas eram vistas pela arte, espelho da cultura.

Nesta canção, a personagem é uma mulher que manifesta o espanto e a incredulidade com a partida de seu parceiro, reagindo de forma desesperada e até violenta com ele e consigo mesma:

*Eu te estranhei, me debrucei / Sobre o teu corpo / E duvidei / E me arrastei / E te arranhei / E me agarrei nos teus cabelos / No teu peito / Teu pijama / Nos teus pés*

Os versos, compostos bem antes da aprovação da lei do divórcio, refletem um período em que o peso da separação recaía de forma inclemente sobre a mulher - cuja existência pressupunha uma vida conjugal a lhe conferir boa reputação. Se o casamento era desfeito, certamente tratava-se de uma histérica ou devassa, ou péssima dona de casa, que não foi suficientemente competente para segurar o marido.

A desquitada, mal vista socialmente, automaticamente se tornava má influência e era privada do convívio com outras famílias “de bem”.

Sem repercutir tais questões, a letra de Chico, contudo, reforça o estereótipo da mulher passional e vingativa, capaz de qualquer coisa para infernizar a vida do ex-marido:

*Dei pra maldizer o nosso lar / Pra sujar teu nome, te humilhar / E me vingar a qualquer preço / Te adorando pelo avesso*

Embora o divórcio no país já vigore há mais de 40 anos e os adjetivos “separada” e “divorciada” não comprometam reputações como antes, a figura da mulher maquiavélica e vingativa ainda se faz muito presente nos juízos de família – apesar de serem elas que liderem os pedidos de dissolução do casamento, numa proporção superior a 2:1, segundo o IBGE. Como já tive oportunidade de expressar em outro texto, embora sejam as mulheres aquelas retratadas como manipuladoras, vingativas e ressentidas, são elas que estão apanhando e morrendo, sem qualquer seletividade, vítimas de ex-cônjuges e ex-companheiros que não aceitam a separação.

Que a bela melodia de Hime, combinada com as emocionais palavras de Chico na linda voz de Elis possa ser apreciada como é: arte. E que a arte nos aponte uma resposta, não apenas como espelho da vida, mas, sobretudo, como ponto de inflexão.

**Paloma Braga**

# AS NOSSAS MORTES DE CADA DIA

*“Desejar ver a vida de outra forma, seguir outro caminho, pois a vida é breve e precisa de valor, sentido e significado. E a morte é um ótimo motivo para buscar um novo olhar sobre a vida”.*

O título da coluna de hoje veio do livro *A morte é um dia que vale a pena viver* (Editora Sextante, 2016), escrito pela médica Ana Claudia Quintana Arantes. Ela é especialista em Cuidados Paliativos que, segundo a Organização Mundial da Saúde (2002), “consistem na assistência, promovida por uma equipe multidisciplinar, que objetiva a melhoria da qualidade de vida do paciente e de seus familiares diante de uma doença que ameaça a vida, por meio da prevenção e do alívio do sofrimento, da identificação precoce, avaliação impecável e tratamento de dor e demais sintomas físicos, sociais, psicológicos e espirituais.”

Conheci a obra e a sua autora por causa de um vídeo do canal Jout Jout Prazer, que assisti no início deste ano. Em um texto de 125 páginas, dividido em mais ou menos 26 capítulos pequenos, a Ana Claudia compartilha experiências e aprendizados adquiridos em mais de duas décadas praticando medicina e tece reflexões sobre a morte e a vida. “Eu vejo as coisas de um jeito que a maioria não se permite ver. Mas tenho aproveitado várias oportunidades de capturar a atenção de pessoas interessadas em mudar de posição, de pontos de vista. Algumas apenas podem mudar, outras precisam; o que nos une é o querer”.

O impacto das reflexões do livro está, muitas vezes, na sutil aparência de obviedade que elas possuem. Por exemplo, talvez não tenhamos nos dado conta de que cada dia vivido é na verdade um dia a menos. Passamos os dias desejando o final de semana, o final do ano, as férias, a aposentadoria. Olhamos impacientes o relógio, tentando apressar os ponteiros. Estamos sempre suspirando por um tempo fu-

turo, enquanto o tempo presente, que de fato é o que temos, escorre pelas nossas mãos. “O tempo acaba, mas a maioria das pessoas não percebe que, quando olha no relógio repetidas vezes esperando o fim do dia, na verdade estão torcendo para que o tempo passe mais rápido e sua morte se aproxime mais depressa”.

Comprei a versão e-book e li uma parte no celular e a outra no leitor digital. Precisei conter minha vontade de sair marcando todas as páginas para guardar as preciosidades ditas pela Ana Claudia. “[...] minha vida ficou plena de sentido quando descobri que tão importante quanto cuidar do outro é cuidar de si mesmo”. Embora seja curto e com uma linguagem fluída, acabei demorando um pouco mais para finalizá-lo, porque precisava digerir as reflexões. Enquanto lia, meu desejo era ter vários exemplares do livro físico para sair distribuindo entre os meus amigos.

Pensar sobre quem somos e o que temos feito de nossas vidas. Aprender sobre Cuidados Paliativos no mundo e no Brasil, sobre os estágios da morte e sobre o luto. Entender a importância do autocuidado, empatia e compaixão. Repensar sobre a vida, a partir da perspectiva de que vamos morrer um dia, as pessoas que amamos também e precisamos falar sobre isso.

*“O que separa o nascimento da morte é o tempo. A vida é o que fazemos desse tempo; é a nossa experiência. [...] esquecemos que a opção ‘vida’ não é um botão ‘on/off’ que a gente liga e desliga conforme o clima ou o prazer de viver. Com ou sem prazer, estamos vivos 100% do tempo. O tempo corre em ritmo constante. A vida acontece todo dia, e poucas vezes as pessoas parecem se dar conta disso. ”*

**Idayane Ferreira**

# AS SETE LUAS DE SETEMBRO

Tu nasceste ali, onde acabara a terra,  
Teus fios iluminados repousam nas doces e claras águas do rio,  
Também repousam na minha lembrança.  
Pelos céus da minha existência sete luas passaram,  
Insinuando emoções,  
Aninhando-se em minhas horas.

A lua primeira, uma lágrima celeste,  
Pérola do mar,  
Pontilhando no azul sereno da paisagem,  
Riso na escuridão,  
Sombra de homem santo em seu cavalo branco,  
Mistério pueril,  
Inocência de menina.

A lua em flor,  
Desabrochando nos rocios da noite ainda orvalhada,  
Aquecendo os lírios do monte,  
Despertando na jovem alma,  
A primavera de um momento,  
Os sonhos de um beijo e a candura do primeiro amor.

A lua incerta e calma, pálida, terna,  
Tua fertilidade brotava no tempo,  
Devolvendo o colorido das flores.  
Olhar doce e morno,  
Crescente em meu ser,  
Sopro de vida em minh' alma,  
Um reflexo do céu clareando a espuma do mar.

Ao longe, o horizonte,  
A luz de olhares flutua,  
Eis a lua da paixão, clarão cheio, vermelho,

Pura efervescência...  
Mito dos corações enamorados,  
Aroma de fina essência,  
Canção noturna... febre em desejo.

Sangrando em minguante,  
Ela vem triste,  
Provocando uma maré alta em meus olhos,  
Deixando um coração transpassado pela dor.  
Lua desilusão, sonhos desvanecidos,  
Rosa desfolhada... fragmentos de amor.

O véu da noite me cobre de nostalgia,  
E o luar desmaia pelo firmamento,  
No labirinto da memória,  
Vejo o que fui... o que senti.  
O sorriso na alma, a ventura no tempo,  
A descoberta do mundo,  
Mundo em que pus tamanho amor,  
Lua saudade... lágrimas, enfim.

Mas, de todas as luas,  
Uma ficou colada no meu **céu de setembro**,  
Abriu a noite de prata,  
Percorreu trilhas escuras,  
Acalmou a tempestade,  
Fez girar as estrelas.  
Com luz suave, banhou minhas mãos,  
Renovou o meu ser,  
Fez nascer de novo a poesia,  
Tecendo seus versos dentro de mim.

**Poliana Policarpo**

# **BAITA TROVA**

Baita trova  
contou para o tio  
Formas próprias  
de dizer que mentiu.

**Rodolfo Pamplona Filho**

# BARULHO DO DIA

O dia surgiu barulhento;  
A mídia foi acionada;  
Histórias foram narradas;  
Verdades contadas;  
Mentiras reverberadas;  
Amizades questionadas;  
Inimigos apontados;  
O povo novamente separado;  
Direita e Esquerda;  
Nós e Eles;  
Mensagens foram apresentadas;  
Teses foram confirmadas;  
Particularidades reveladas;  
Decepções apontadas;  
As relações foram cortadas;  
E ninguém sabia de nada;  
No final do dia;  
Histórias e estórias;  
Não há mito ou herói;  
Só trapaça;

**Wellington Jacó Messias**

# BASTA!

Dizem que sou força e resiliência,  
Dada a história dos meus ancestrais  
Pessoas arrancadas das suas raízes  
Deixando suas origens lá no africano cais.

Apesar de descendente de realezas,  
Associam-me a aspectos da pobreza,  
Como se esta fosse uma opção, e não a muitos uma imposta condição.  
Não sabem eles quanto orgulho tenho da minha história e beleza!

Graças à crescente representatividade,  
Eu me reconheço grande e valorosa,  
É imensurável poder viver em um país ou cidade  
Em que me vejo no outro, reconheço a minha identidade.

Mulheres de características afro-brasileiras,  
Hoje, estampam revistas, capas de livro em prateleiras.  
Mas, ainda é muito pouco. Precisamos ocupar as altas cadeiras,  
Lugares de autoridade e poder na nação brasileira.

E não só isso: também somos dignas de ser amadas.  
A solidão da mulher preta precisa ser dizimada.  
Queremos ser vistas por dentro.  
E nada de desmerecer o nosso negro revestimento!  
É nele que descansa o orgulho ao nosso pertencimento.

E você se orgulha de quê?  
Da sua verdadeira ancestralidade  
Ou segue na deturpada realidade  
De que seu elo é com as arianas nobrezas?

Acorda, iludido! Até quando sobrevirá de artificialidades?  
A pior coisa é não saber quem se é de verdade.

Mais duro ainda é viver a se renegar por uma tola vaidade,  
Que só te qualifica como desconhecedor da sua própria imagem.

Pelo fim da sua cegueira milenar, escolho viver harmoniosamente com  
você.

Faça a sua parte: deixe a sua ignorância de lado e trate-me com res-  
peito.

É o mínimo que lhe exijo e espero te ver fazer.

Abaixo o seu racismo, o seu preconceito!

Basta!

Eu quero paz.

Só ela e o amor que eu carrego no peito.

**Laura Cecília Braz**

# CACOS

A força da mulher

Dita forte

Está justamente

Na sua

Fragilidade

Na força

De poder chorar

Todas as suas

Lágrimas

De ter coragem

De expor

Esta dualidade

De quebrar seus

Copos

E catar seus cacos

**Nely Nazareth**

# CADA UM

Cada um tem sua cor,  
algumas carregadas de dor  
outras privilegiadas, o que chega a ser constrangedor

Cada um tem sua luta  
algumas possuem vitórias  
já outras derrotas,  
porque não se tem nenhum torcedor

Cada um tem seu status  
alguns, ou os únicos, são os que possuem valor (R\$)  
os outros, são apenas os outros  
mas eu, eu não sou discriminador

Cada um sabe quem constrange, sabe por quem não torce, sabe quem discrimina. Mas cada um só não sabe, que dessa forma, viverá sem amor

**Alanis Matzembacher**

# CARTOGRAFIA DE UM POETA

Hoje despertei  
Com o querer aguçado,  
Em busca do azul de todo céu,  
Do sonho acordado.

No silêncio, descobri,  
Ao encontro do mais puro entendimento,  
Que Ele se refaz a todo instante  
Na fecundidade dos sentimentos.

A escuta é quem fala  
A mais doce voz do Amor...  
Fazendo brotar no chão  
A mina da ternura, das palavras.

Ouvidos instalados na preparação da terra,  
Por onde andavam esquecidos?  
Histórias de pequenos cuidados  
São capazes de criar  
A existência dos afetos.

Assim,  
Trarei as mais vagarosas letras  
E levarei seus encantamentos  
Para toda eternidade.  
Que todos os pés possam beber do rio,  
A água da vida.

Construo a cada dia  
Essa intimidade, meu maior pedido:  
O acontecer de versos  
Sempre será o mais recente dos pensamentos  
De todo Poeta Ali Agora,  
A compor nossa poesia.

# CINCO LETRAS QUE CHORAM

A despensa vazia, nem  
Cafezinho para o senador.  
Que esta esquerda sem seta  
Vai morrendo na praia  
O nado sem sincronia já  
Enche os pulmões d'agua  
Legistas terão trabalho  
O que deu errado nesse baralho  
De cartas só escolhidas  
Ao gosto de um horizonte  
Sem norte, sem fonte, que  
Euforia pequena, vou daqui  
Para o sul, da sala pro quarto,  
Alguém bate à porta, vai  
Ver, corre logo, são eles, na  
Bandeja eu, com um bilhete  
Na boca: meus pares de caros  
Óculos deixo para cegos, há  
Muitos, escolham vocês.

**Marilena de Curitiba**

# COMBATE À ACRASIA

Disputa entre  
Arrependimento  
e Recusa

Tensão entre  
autonomia e  
consentimento.

Diálogo entre  
o “eu presente”  
e o “eu futuro”

Será que todos nós  
não temos uma preferência  
por não preferir?

Sua preferência pela  
não escolha  
é perfeitamente honrável

Já diria Proust:  
“A atenção prende  
e a rotina liberta”

Coerência é conseguir  
dar uma resposta precisa  
aos casos que se enfrenta.

Nem sempre arrepender-se é  
uma decisão ética,  
mas, sim, animalesca.

No Contrato de Ulisses,  
prevalece a decisão manifestada  
sobre a liberdade de mudar o combinado.

Pode ser um ensaio clínico,  
um testamento vital  
ou uma viagem à Marte,  
em que a vontade de antes  
prevalece sobre a vontade do depois,  
sem possibilidade de voltar atrás...”

**Rodolfo Pamplona Filho**

# UM POEMA PARA CONCILIAR

No mais das vezes, o emprego das artes nos meios consensuais é lembrado apenas na criação de um ambiente acolhedor para as partes dialogarem. Logo, recomendam-se que as paredes sejam pintadas de cores amenas, que haja quadros de motivos reconfortantes ou que a música ambiente seja especialmente tranquilizadora.

Outro enfoque é, todavia, possível: a obra de arte, pelo seu efeito de estranhamento, leva ao demorar-se contemplativo que, no retorno, permite enxergar a realidade com outros olhos. Desse modo, ao nos tirar momentaneamente da rotina, a arte expande nossa própria noção do que seja a realidade.

Algo nos diz que essa dimensão alternativa é especialmente válida para tocarmos mais de perto a lógica em que se funda os meios consensuais. Uma lógica que, assim como na poesia, é analógica.

Centrados na ideia de transformação de conflitos, valendo-nos do clipeoema “Acordo”, de Arnaldo Antunes, nosso objetivo é tangenciar tal horizonte provável.

## **1. Concorde/discordo**

A mudança da cultura da sentença para a cultura da pacificação passa pela formação de outra mentalidade do profissional jurídico. Desse modo, o conceito de conflito, como principal objeto do operador do Direito, precisa ser revisto.

Na tradicional concepção de Francesco Carnelutti, conflito se confunde com lide, isto é, com contraposição de interesses caracterizada pela pretensão resistida. Os conflitos surgem porque os interesses são infinitos e os bens reduzidos. Como somente um dos interesses é justo, existem vencedor e vencido. Situações de indefinição, em que ainda não está determinado o lado que está com a razão, são danosas. Daí porque a lide é vista como o germe do delito.<sup>1</sup> Conflitos devem ser eliminados.

---

1 Como se Faz um Processo. Belo Horizonte: Líder, 2005, p.26.

Em contrapartida, baseado em autores como o psicólogo social Morton Deutsch, os defensores dos meios consensuais ampliam a noção de conflito. Conflito implica contraposição, contraste, choque. Mas não necessariamente interesses inconciliáveis. Pais que discutem sobre como tratar a picada de mosquito do filho possuem ambos o interesse na sua cura.<sup>2</sup>

Conflitos, assim, não são percalços da vida, mas são a própria vida. São oportunidades de mudanças construtivas. Além disso, um aspecto adicional, trazido por autores como John Paul Lederach, é que conflitos, idealmente, são transformados, em vez de meramente eliminados.<sup>3</sup> A semente para se alterar a situação conflituosa está no próprio conflito.

Já que distante da tradicional, a visão transformativa do conflito costuma ser de difícil apreensão. Conflito fazer parte da vida e representar um ganho até se admite. Mas como explicar que a alternativa ao conflito nasce do conflito? Nesse aspecto, em especial, insere-se o potencial exemplar da arte para, ao criar um mundo paralelo à realidade, organizar e nos ajudar na compreensão da própria realidade. Para entender a visão transformativa do conflito, um bom exemplo metalinguístico é o clipoema “Acordo”, de Arnaldo Antunes (1993).

Como se sabe, um clipoema agrega elementos verbais, sonoros e visuais que, em conjunto, potencializam a interpretação. Isso remete à ideia concretista de dimensão verbivocovisual da poesia, ou seja, a confluência da palavra, do som e da imagem. Sem perder de vista o todo, vamos por partes.

## 2. Palavra

A letra é desgraçadamente simples: “Concordo/Discordo/Acordo”. O acordo surge da tensão entre concordar e discordar. É possível ser ainda mais sintético:

(con)

**cordo**

(dis)

---

2 DEUTSCH, Morton. *The Resolution of Conflict: Constructive and Destructive Processes*. New Haven/ London: Yale University Press, 1973, p.10.

3 *Transformação de Conflitos*. São Paulo: Palas Athena, 2012.

Recorde-se que “cordo”, do latim “cordis”, significa coração. A tensão entre contrários resolvendo-se pelo coração. Que, aliás, é o centro tanto do concordo como do discordo.

Acordo pode ser também interpretado como despertar, como passar a ter consciência. Acordar resolve, assim, a inquietação provocada pela oscilação entre a vida e a morte que é o dormir. O despertar, porém, surge do sono.

Uma intertextualidade casual nos ajuda aqui. No fragmento 51, Heráclito diz que “discordando em si mesmo, consigo mesmo concorda, como numa harmonia de arco e lira”. Trata-se da contradição do ser que, em si mesmo, é igual e diferente, mas unido pelo acordo.

Como nos ensina Fabio Neves, “arco” remete à guerra, ao passo que “lira” volta-se à poesia. Ambos, porém, unem-se nas cordas que possuem. Há, assim, uma tensão de opostos que se resolve pelo equilíbrio inerente aos dois.

### **3. Som**

A música é irritantemente limitada. Na tonalidade de mi maior (representada pela letra E), é baseada em apenas dois acordes do campo harmônico maior: um pertencente ao primeiro grau (sobre o qual é cantada a palavra “discordo”) e outro ao quinto grau (sobre o qual é cantada a palavra “concordo”). O “acordo” perpassa ambos os acordes.

Na teoria musical, o primeiro grau remete a relaxamento, conclusão, já que é o centro tonal (mi maior, no caso). Muitas vezes é o acorde com o qual a música termina.

O quinto grau é uma preparação para o primeiro. Ao reconhecê-lo, o ouvido humano espera que o acorde seguinte seja o pertencente ao primeiro grau, o qual o músico ou compositor pode optar por usar, para concluir, ou até mesmo omitir, para gerar estranhamento.

Assim, ao relacionarmos as palavras de Arnaldo Antunes aos acordes que lhe dão suporte, percebemos um movimento que soa contraditório, pois o “discordo”, em vez de gerar tensão, relaxa. E o “concordo”, em vez de relaxar, tensiona.

Além disso, o concordo (sobre o quinto grau), remete ao discordo (sobre o primeiro grau), uma vez que o quinto grau “solicita” a presença do primeiro, como explicado.

O movimento proporcionado pela junção de letra e harmonia

é, então, circular, quase monótono. Enquanto a harmonia vai em um sentido, a letra segue em outro. Esse ciclo, porém, é aberto pelo movimento interior que surge no “acordo” (como ato de despertar ou de chegar ao consenso, quem sabe?).

Dessa forma, o acordo movimenta o conflito. A oportunidade de crescimento pelo conflito passa pelo acordo. Não se trata de um círculo vicioso, mas de uma espiral. Se ela é construtiva ou destrutiva, é opção de cada um.

#### **4. Imagem**

A imagem é explicitamente clara. A tensão entre concordo e discordo é representada por ondulações. Melhor dizendo, por vibrações de cordas que formam as palavras “concordo”, “discordo” e, ao final, “acordo”.

As concordâncias e discordâncias vão abrindo espaço pelas linhas. Sem esse movimento, porém, teríamos apenas linhas retas que, por mais contínuas que fossem, permaneceriam inalteradas. Teríamos, então, estagnação. A vida depende do conflito, ou melhor, é o próprio conflito.

Só no emaranhado frenético das palavras “concordo” e “discordo” pode surgir o “acordo”. A eterna positividade do “concordo” ou a imutável negatividade do “discordo”, se isoladas, não produziria nada além de sua própria reiteração. Não há tensões produtivas se não há tensões.

No clipoema “Acordo”, sob a simplicidade da palavra, a limitação do som e a clareza da imagem, há a concretização da ideia de transformação do conflito. Se o quente vira o frio, e o frio vira o quente, então há algo de comum nos dois, que permite certa identidade. Entre o concordo e o discordo, o comum seria a possibilidade de acordo. Nesse jogo entre opostos que estão distantes, mas próximos, surge a potencialidade da conciliação. A tensão que balança as cordas, que ressoam acordes, que nos acordam, que geram acordos...

**Bruno Takahashi**

**Fábio Junqueira Barbosa Teixeira**

# COVID-SE

É um convite?

Depende.

De que?

Condutas.

Como assim?

O isolamento social epistemológico, é sim, obrigatório, imperativo, de responsabilidade individual e de amplos reflexos coletivos. Entrou em nossas vidas sem bater às portas, se estabeleceu sem pedir licença, e infelizmente se mantém entre nós sem nosso consentimento. Uma escolha sem escolhas, uma alternativa sem alternativas. Em que resistir é na verdade assumir não querer existir e assim, desistir de prosseguir.

E do que fala então?

Da permissividade de cada um se entregar por inteiro à mudança. Ao (re)fazimento que se descortina diante de nossos olhos. Da metamorfose que podemos ter. De todo o semântico, emocional e humano que o distanciamento tem em si arraigado. A não familiaridade com obra-prima, pronta e acabada, mas a descoberta do encantamento místico da pedra bruta à espera de ser lapidada, preparada e (re)feita.

Pode ser mais clara?

O nosso modo de ser, o eu interior, as perspectivas, prioridades, valores, a nossa forma de ver e reconhecer o outro, podem e devem ser moldados agora, que tudo parou. E para tanto carece de permissividade, autorização, aquiescência e abertura. Chaves que somente em nossas individualidades acessamos, para um possível fazer. Há quem vá passar por tudo isso, e continuar cultuando e cultivando o mestre do ego e do narcisismo que mora em si. Há outros que nunca mais encontraram seu antigo eu, se beberem gota a gota desse outono-humano. Aqueles que se derramam à magia da mudança, a arte de abraçar as suas fragilidades, expor misérias e amar seus próprios fragmentos, se

reerguerão melhores, coesos e transformados. É esse o nosso lugar de encontro, nosso lugar de conexão, nas sensações caras de vulnerabilidade da alma humana, como o amor e a morte.

Que o absurdo que vivemos continue sendo sentido como absurdo, como distante, abrupto, como peste. Que não nos acostumemos a viver nesse estado de exceção que estamos. Que o estrangeirismo do outro se transforme em nosso lugar, que não sejamos raça, gênero, sexo, etnia, religião, mas que sejamos unos. Que saibamos “fechar os olhos para escutar”, e que ao emprestarmos nosso corpo para ser “lar” do outro, falemos silenciosamente em polifonia estrondosa capaz de transmutar, transfigurar e ecoar empatia em suas muitas possibilidades concretas.

Nem sempre o início é no começo, nem sempre a vida-humana vem de um parto natural. Às vezes o meio pode ser o início, o filho adotivo é o natural, e uma pandemia é a implosão do novo Big Bang que fará surgir uma nova geração de humanidade. Não sabemos se o Big Bang foi a exata criação, o início, porque não sabemos o que existia antes dele. Não temos assim a existência ou a inexistência, definida e estabelecida, vai além do intelecto humano.

Ousemos usar agora de sentimentos e sensações que nos permitam ser, conscientes donosso elo, que nos permeia e conecta sempre.

Às vezes um vírus que é disseminado acelerada e assustadoramente, vem exatamente para mostrar e reafirmar a revolução que somente o amor é capaz. Que sejamos vetores de empatia, que transmitamos amor a cada ato, e que todos se contaminem rapidamente e por completo de humanidade. E que contaminados possamos perceber que nessa doença contem a nossa cura. E que morrendo de amores encontremos a vida em abundância, a vida fecunda.

Por isso, COVID-SE!

Compartilhemos a gratidão e admiração por simplesmente estarmos aqui.

Juntos podemos fazer coisas memoráveis, em um mundo sem fim.

Por isso, COVID-SE!

**Aline Venutto**

# CRISTAL

Vivo sobre diamantes, é verdade.

Metais pesados.

Leves viemos do centro da Terra para guardar as entradas.

Esses que todo mundo quer são ninharias, o grosso mesmo tá no núcleo, onde vive Makunaimî. Antes de vocês já veio outra galera. Escavaram tudo. Foi bem pior que agora e morreram todos assim como vão morrer vocês tudinho. E vem mais um fim de mundo, a mesma chatice.

Vem novamente uma leva de outras criaturas e vão cavar mais e mais e vão morrer tudinho de novo. Os diamantes gigantesco são o núcleo onde vivemos, a grande família Maku. Nunca nenhuma geração outra haverá de chegar ao menos a ver o vulto do grande cristal. Lá é impossível ir e isso nos conforta.

Podem tentar chegar lá, não vão conseguir.

A morte coletiva sempre chega Antes.

Quer garimpar, apoiar, financiar?

Vai sabendo, o tio aqui avisou.

**Jaider Esbell**

# DECIDINDO SEU PAPEL

Em uma disputa,  
Você pode estar  
cansado de bater  
ou apenas de apanhar.  
Resta saber  
quem você  
escolher ser.  
É na preparação  
para o combate  
que se decide  
quem você  
vai ser  
na luta de sua vida.

**Rodolfo Pamplona Filho**

# DEIXAR IR

Deixai que o tempo resolva. Tudo tem o seu lugar no mundo e as coisas vão e voltam, vão e voltam.

Sem ódios, sem amarras, o mundo tem seu tempo, tudo tem o seu tempo. Deixa mudar, deixa sair, deixa ir embora.

O tempo resolve o mundo

**Gustavo Medeiros**

# DESDÉM

Várias declarações e aquele ar de indiferença. Um simples “E daí??” matou milhões de pessoas nos corredores de hospitais.

Não se importar com as vidas que adoecem pela pandemia é o mesmo que abrir caixões e tentar achar o espaço vazio para duvidar de um corpo morto. É por em cheque o fato grave, aquilo que não tem volta depois.

As religiões lavam as mãos e quem deveria cuidar, nos adoce a cada palavra “maldita” que ecoa, reverbera, mata e fulmina.

Carreatas de pessoas, aglomerações indevidas. O Brasil virou a bomba relógio da vez. Culpa do seu desdém.

**Gustavo Medeiros**

# DEU NO CÉU

Aqui na terra,  
A emoção que bate em mim,  
Dá em Josés e Marias  
E vem de outro lugar:  
Da metalinguagem  
Alumiando os passos  
A cada dia.  
Ela dá no chão  
Que nos serve de pão.  
Não podemos querer mais  
Do que a flor  
Que há no ser  
E que dá na planta,  
Germinando  
Bons frutos.  
A luz, essa verdade, vem do coração,  
Alimento das almas.  
Que a poesia nos sirva  
De passadio para outras tantas vidas.  
Que os pés possam sentir  
Essa emoção,  
Que dá na gente  
Em linhas de duração.

# DIGNIDADE

Não é sobre vencer  
Ou perder  
Quem é melhor  
Ou pior  
Somos detentores da ordem  
Ou apenas servimos a ela  
Dignidade é uma qualidade sem nome  
De uma atitude nobre  
Que sempre reconhece  
A vida  
A sua própria sorte

**Ualy Matos**

# DIREITO E ARTE

Afeto e emoção  
Muito além da razão  
Uma perfeita união:  
Direito e Arte  
Me encanta fazer parte!  
Fazer uso da liberdade  
Da expressão do pensamento  
Carregada de sentimentos  
Com respeito e dignidade  
Promovendo a humanidade  
Contribuindo com uma sociedade  
Mais justa  
Igualitária!  
A vida sem arte é bruta  
A representatividade necessária!  
Um perfeito casamento  
Com amor e comprometimento.

**Bianca Rosenthal**

# DIREITO, JUSTIÇA E EFETIVIDADE

Quando ingressa na faculdade de Direito, o aluno começa tendo aulas mais teóricas, por exemplo, a Teoria Geral do Direito, que é o estudo dos conceitos fundamentais do direito. O direito provém do latim *directum*, que significa aquilo que é reto, correto, certo.

O aluno também aprende o significado de justiça, que é um conceito abstrato que se refere a um estado ideal em que há um equilíbrio, que deve ser razoável e imparcial.

Segue aprendendo diversas matérias, em especial Direito Civil e Processual Civil, Direito Penal e Processual Penal, Direito do Trabalho e Processual do Trabalho, Direito Constitucional, Direito Tributário, entre outras.

É muita coisa para aprender. Os ritos processuais são diversos, os recursos inúmeros.

Imagino que para alguém que não é da área, fica muito complicado entender e compreender esse complexo sistema processual, no qual inúmeras falhas são cometidas e que muitas vezes não é justo ou equilibrado, como deveria ser.

Nossa Constituição Federal tem atualmente 250 artigos e 80 emendas, enquanto que a Constituição Federal dos Estados Unidos, por exemplo, tem 07 artigos e 27 emendas.

Além disso, o Brasil tem incontáveis leis federais, estaduais, municipais, decretos, medidas provisórias, instruções normativas e assim por diante. Não falta lei aqui. O que falta é efetividade. Também faltam severidade e honestidade nos três poderes. Sem falar da mídia, que é considerada o quarto poder, e que muitas vezes manipula e desvirtua informações.

Outra questão importante é a conscientização e educação da população. Apenas uma pequena parte tem interesse, o que é lamentável,

pois para poder exigir mudanças é necessário conhecimento. Aqui vale aquela frase: “Um povo que não conhece sua história está condenado a repeti-la”.

Infelizmente, além da falibilidade humana, no Judiciário brasileiro temos o problema da má-fé, o que não era muito comum antigamente, mas que agora tem se tornado recorrente, principalmente por questões políticas e movidas por paixões e amizades, o que tem gerado muitas decisões parciais.

Claro que temos bons juízes e acredito que estes se sintam indignados também com esta situação. Mas é fato a existência de parcialidade em diversas decisões, o que confronta com o conceito de justiça.

Muitos questionam o tipo de sistema que nós temos, no qual bandidos condenados podem ser soltos a qualquer momento, gente honesta e trabalhadora é presa injustamente, as pessoas que ficam à margem da sociedade não têm acesso à verdadeira Justiça, etc.

Não é para menos. Muita coisa precisa melhorar por aqui. Mas sou brasileira e não desisto nunca. Tento fazer minha parte, debater, questionar, insurgir-me.

Ressalto que, a conscientização e a educação, em minha opinião, é a melhor maneira de alcançar mudanças, para que haja *ordem e progresso*, ideal de nosso Brasil e cujos dizeres estão estampados em nossa bandeira.

Além disso, necessária se faz a devida punição dos criminosos. Nos países nos quais as pessoas são devidamente condenadas e presas por atos criminosos, podemos verificar que a criminalidade é consideravelmente menor.

Quero um Brasil melhor, no qual os verdadeiros conceitos de direito e justiça possam estar presentes. Quero efetividade!

**Bianca Rosenthal**

# DISTÂNCIAS

Se as estrelas pudessem falar,  
O testemunho de um olhar,  
Os segredos do coração,  
E desvelar a verdadeira razão.  
Se o tempo pudesse parar,  
Naquele exato momento.  
E trazer de volta aquele sentimento,  
De paz, do amor e do amar.  
Mas o céu chora,  
Por causa de uma saudade que não vai embora.  
Dizem que a distância é dos corpos,  
Mas também pode ser das almas.

**Aicha Eroud**

# DO PERIGO DE GUARDAR

Abri as gavetas, deixei sair fantasmas  
Papéis amarelos, outros traçados  
Carcomidos pelos cupins.  
Olor velho de mágoas e confissões  
Bilhetes aturdidos e cartas incompletas  
E escritos à margem – sem nenhuma direção.  
Pus a mão no fundo da gaveta sem calma para as minhas dores,  
Buscando mal passado tão presente na carne,  
Como se cumprisse estranha ordem.  
Não é bom abrir os guardados,  
Esquecidos ou trancados em algum armário;  
Provar na leitura a fugitiva sensação,  
Revivê-la...  
Levar os risos da colombina  
Ou às lágrimas do enterro.  
Esses papéis me dizem do estrupício  
Me caem pelos chorados de culpa,  
Tecido de angústia e remorso.  
Esses papéis, devo queimá-los agora,  
Me falam de dívidas imperdoáveis  
De dúvidas impagáveis;  
Me contam de mim – não posso evitar.  
Preciso fechar a cômoda,  
Cerrar palavras falidas,  
Deixar-me partir.

**Sebastião Marques**

# DOS DIREITOS

O direito são dois  
Um que está nos autos,  
Compilado em código  
Vetusto, parnasos...  
Outro, menos visível,  
A parte humana e precária  
Que da altura do magister  
Pouco se vê.  
São dois o direito  
A conhecer –  
E que não se valha  
Apenas da razão, tosca vela.  
O direito não é só método,  
É modo de ser  
E de manifestar-se dentro do tempo.  
Cada parte não chega ao direito  
Despida de sua história...  
Escuta o enunciado,  
Desvela o que se possibilita.  
A técnica da subsunção pode atenuar  
O peso da sentença.  
Ainda assim dois são o direito:  
O das custas e sucumbências;  
E o outro, das culpas  
Arroladas em dispositivos  
Sem penitência.

**Sebastião Marques Neto**

# EGO E ALMA

Ser importante é do Ego

Ser feliz é da alma

Ser valorizado é do Ego

Realizar-se é da alma

Ter títulos é do Ego

Saber é da alma

Ser lembrado é do Ego

Fazer é da alma

Ser reconhecido é do Ego

Ter amigos é da alma

Ser casca é do Ego

Ser essência é da alma

**Rodolfo Pamplona**

# EM MEMÓRIA DE NÓS

Quem é que chama por nós, quem é que reza por nós, quem é que grita por nós.

Respiro ações inspiradas em inspirar esperando inspiração buscando ser inspirador, me dê arte, quero um pouco para espantar a dor que faz parte como espetar o dedo ao pegar a flor

Hoje os anjos cantam ao nosso favor e amanhã não haverá razão pra duvidar de nós, veja de onde eu venho olhe pra onde eu vou, aquela história... Pré, durante e pós.

Ninguém para a voz desse menino, ninguém para o seu olhar, ninguém para a voz desse menino e ondequê que for pra ir eu vou chegar.

Minhas raízes são motivação, motivo de me orgulhar, meu nome fé, imensidão, meu sobrenome não me permite falhar.

Eu sonho muito tipo Balto, e não vou deixar de sonhar, sonhando muito eu penso alto, e quem não tem vontade de voar?

Fazer do mundo o meu palco, sempre pisando devagar, e mesmo que as vezes eu trave, na hora do gol, geral vai comemorar.

Quem é que chama por nós, quem é que reza por nós, quem é que grita por nós quando nos sentimos sós.

Quem é que chama por nós, quem é que grita por nós, quem é que reza por nós.

Aconselhado a deixar a meta fora da reta mas sou poeta, sendo assim a meta é o topo, me tornar inatingível entenda do que se trata, fazer rimas alto nível isso faz parte do jogo, que queima língua de teimoso tipo brasa de fogo mas é só brasa, não chama, então não tão perigoso, mas se embrasa e ela chama se torna tão perigoso quanto encontrar a noite com um policial rancoroso.

Um contador de histórias, portador de histórias, memórias, mal ditas benditas histórias, griot, Exu.

Mil asas pra voar; pra ser o que serei, um rei, guerreiro, herdeiro de Shaka Zulu.

**Imane Rane**

# EMBALADA

Eu quero uma canção que mate a fome

Notas fortes

Ritmo que alegre todos os homens

É ciranda?

Ou roda de samba?

Eu quero uma canção que mova os corpos

Num abraço

Que não se assusta com os contornos diferentes

Uma canção acompanhada de palmas

Todos reconhecem a cadência

Esta canção rompe as fronteiras

As barreiras, passaportes

Cala os homens que atiram naqueles que atravessam

Eu quero uma canção que diga longe

Cujo som

Cujo compasso

Atravessem o espaço

E nos conectem

Nos revelem

E nivelem nossos passos

**Marcia Leticia Gomes**

# ENCAIXE

Encaixe é a sintonia do beijo; é o abraço perfeito; é a uniformidade de dois corpos juntos numa cama.

Encaixe está no olhar, no sorriso e no desejo; nas pernas entrelaçadas, nas mãos que de repente se cruzam e nos pés que se tocam em plena madrugada.

Encaixe é o que raramente se tem num primeiro encontro e que, quando surge, fortalece uma vontade imensa de não deixar nada disso acabar!

**Rafaela Alban**

# ENQUANTO QUEIMAVA O OVO, CLARICE

Observo o invisível  
Enquanto o ovo queima.  
A angustia adormece.  
O som se preenche de silêncio.  
Existência incandescente  
Divaga sem norte.

Emoções são labaredas.  
Entre correntes são Ilusões.  
Evapora a vida  
Sufoca o coração.

Agora, não mais...

Na finitude a casca perece ao vento.  
A alma insone aquieta-se.  
Dissolvem-se o verbo, o verso, o tempo.  
Desnudam-se as sombras.  
Surge luz na escuridão.

Retornas a essência  
Estrela pulsante, onisciente.  
Longínqua, plena.  
Ecoas no infinito.

**Karina Guerreiro de Sá**

# ENTRE UM VERSO E OUTRO

No início, não tínhamos versos.  
Apenas havia a imensidão do espaço.

Depois é que veio o Traço  
Formando os corpos  
Que passaram a habitar toda parte.

Entre o dito e o não-dito,  
Somos a expressão da arte.

É essa ideia de gente,  
A nossa própria cara.

A história é o laço da escrita,  
Que plantou nossas raízes sobre a Terra.

O talentoso Orfeu,  
Um verso faz nascer.  
Sua comunhão com a natureza:  
Outro modo de ser presente.

O meio é quem traz  
O véu da dessemelhança.

O fim só existirá  
Se encontrar  
O novo começo.

Ó, alma minha,  
Acrescente todo acalanto  
A esses pobres versos.  
A lira que faz amar

Sem que me permita olhar para trás,  
Revelando, assim,  
Aquilo de que somos capazes:  
Dormiremos versos  
E acordaremos versificados.

**Ualy Castro Matos**

# ESCREVENDO SOBRE A VIDA EM TONS E SOBRETONS MUSICAIS E POÉTICOS ATEMPORAIS

Escrever sobre a Vida e a sua infinitude, não é fácil: “A arte de viver é simplesmente conviver... simplesmente, disse eu? Mas como é difícil” (Mário Quintana). Mas, há aqueles que, ainda assim, ousam – e o fazem com tamanha maestria poética-poemática – decifrá-la para, logo após, ou logo depois, falar sobre ela. E é a por meio disso que se observa tentativas em cima de tentativas — e que parecem reinar nas vozes musicais brasileiras e nos poemas – de descrever, que bom seria desvendar, a vida e suas nuances mil.

Tentou a banda Skank, sugerindo-nos “deixar a vida nos levar.” Tentou Pitty, dizendo a nós que, “No mês que vem, tudo vai melhorar”, e, quando o fez ousou prever aquilo que não se pode prever (o tempo). Tentou Julio Iglesias, aconselhando-nos a viver esta vida, viver “até o final”, pois “o tempo voa sem parar”. Tentou Titãs, afirmando que “É preciso saber viver”; talvez um dos melhores aconselhamentos pois, verdade seja dita, toda pedra do caminho, nós podemos retirar, e, se o bem e o mal existem, nós podemos escolher. Tentou Gonzaguinha — e aqui fica a mais dina reverência ao seu jeito singular de usar a voz para dizer o que se quer/precisa ouvir —, quando disse e redisse que a vida é bonita (!), é bonita (!) e é bonita (!). Tentou o inesquecível Chorão (Charlie Brown Jr), quando nos lembrou que, em nossas histórias, há “dias de luta” e (também) “dias de glória”. Talvez Lulu Santos estivesse certo (ainda que seu foco fosse outro: o amor) quando nos lembrou que “o tempo voa, escorre pelas mãos”, e que nós devemos “viver tudo que há para viver”. Talvez Ivete Sangalo estivesse certa quando disse que “a felicidade um dia chega”. É preciso “viver a vida”, tal como dizia a “COLDPLAY”.

Todavia, e com sinceridade, compreender a Vida e tudo que dela decorre, demanda tempo e vontade.

Tempo, para vivenciar as mais variadas experiências que ela, a vida, pode nos proporcionar, o que fará com que nós possamos, gradualmente, compreender as nuances que dela decorrem. Porque, em verdade, a vida trata-se de algo sobre o qual o escritor e poeta mexicano, Gabriel José Garcia Márquez, já havia falado: uma “sucessão contínua de oportunidades”, que podem e devem ser aproveitadas ao longo do e na medida do nosso tempo.

Vontade, por outro lado, para querer não apenas “viver a vida” (como dizia a COLDFPLAY) — isto, ainda que seja inexplicavelmente necessário e benéfico, não parece ser suficiente —, mas desfrutar boa parte, que bom seria tudo, daquilo que cada experiência pode oferecer: “A dádiva de viver é sempre poder enxergar beleza em cada pequeno detalhe da vida, basta querer.” (Adrian Gras-Valezquez).

Se bem que a Vida – razão maior, havemos de concordar, de nossa existência – tende a impressionar a todos nós, e o faz de maneira diversa da que nós esperamos: às vezes através de momentos felizes (que nos fazem vibrar, comemorar, celebrar), às vezes por meio de momentos não-felizes (que nos fazem ficar tristes, acanhados, sem expectativas, sem fé).

Entretanto, há quem diga (e defenda) que a Vida, apesar de tudo e de todx, deve ser vivida, assim como ela é (sem deixar de lado as suas nuances que transformam-na no que ela é), independentemente da fase na qual estamos localizados, seja ela boa ou ruim. Até porque, como bem sabemos, fases são fases, que passam/passarão: talvez não hoje, nem amanhã, nem depois de amanhã, mas um dia há-de passar.

A verdade é que viver, companheiros (as), é uma dádiva. Mas, que essa vivência seja temperada com calma (para fazer fluir a necessária pausa sobre a qual o escritor e poeta Carlos Drummond de Andrade já havia falado) e guiada por um alguém que sonha, para fazer “valer a pena”: “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena (Fernando Pessoa). Afinal, ela, a vida, é, sim, como dizia Gonzaguinha, bonita (!), é bonita (!) e é bonita (!). Ainda assim, é preciso assim enxergá-la.

**Renan Francelino da Silva**

# ESCRITA FEMININA

Folhas em branco no meu caderno  
Novas páginas? Ou ficará como está?!  
As letras mágicas insistem em saltar  
O que é que faço se se entrelaçam em nó?  
Contei coisas do passado.  
Depois, rasguei. Quem se importa?  
Tentei reescrever no papel amassado  
Letra apressada, linha certa e escrita torta  
Histórias do presente.  
Sonho floral e fluorescente  
Nuvem em formato de seu rosto de repente  
O que farei com esse ardor crescente?  
O futuro que se mostra incerto, inusitado  
Parece uma história inconclusa de mil finais  
Contos, poesias, romances de tristezas e ais  
Foram felizes para sempre era o combinado  
As páginas se reescreveram no amanhã  
Tão belas que pareciam incríveis  
Ou um sonho na cadeira do divã?  
Novos finais que pareciam impossíveis  
Construíram-se quando se quis pensar  
Em Kundera e nos seus amores risíveis.

**Ezilda Melo**

# ESCRITAS DE AUTORIA FEMININA

Sendo professora de literatura, sempre sou inquirida sobre meus livros preferidos, leituras que marcaram minha vida, indicações de livros para presentear pessoas das mais diferentes faixas etárias e inclinações pessoais. Sempre que faço uma dessas listas, um livro aparece: “Crônica de uma namorada” da Zélia Gattai e, neste momento singular de recolhimento em que estamos colocando muitos temas em perspectiva, estive pensando: O que há no livro da Zélia? O que, nesta leitura, me marcou de tal forma que o título sempre me vem nas mais diferentes situações?

A resposta chegou sem aviso como uma epifania, como um raio: Zélia Gattai foi a primeira escritora que eu – mulher – li. A leitura literária no ambiente escolar é uma leitura pautada em história da literatura, em estilos de época e se faz estruturada a partir de um cânone. Quem compõe o cânone? Quem determina quais obras são ou não canônicas? O cânone, em nossa história, foi definido e constituído por homens e por obras literárias escritas por homens. Então eu, estudante, leitora das obras recomendadas no âmbito escolar, só conhecia personagens mulheres escritas por homens.

Zélia me apresentou mulheres escritas por mulheres, histórias de mulheres, sentimentos que também eram meus. Zélia me chegou na prateleira, o livro ali, entre tantos outros na biblioteca da escola. Depois de formada em Letras, fui professora na mesma escola em que estudei e vi minhas alunas lendo “Crônica de uma namorada” – o mesmo exemplar que eu lera mais jovem naquela mesma biblioteca.

E por que venho falar sobre isso hoje, no dia dos professores? Por acreditar que o espaço escolar pode ser ambiente para leituras de escritores e escritoras, de debates, de realidade e também de evasão, de nos reconhecermos nas narrativas contadas por outros e por outras. Que as nossas meninas tenham, ainda na escola, oportunidade de ler mulheres é o meu pedido neste Dia dos Professores e das Professoras.

**Márcia Letícia Gomes**

# ESPERANÇA

Pós disciplinar  
No pincel  
Direito e arte...  
Fraterno humanista  
De alma transcendente  
Em teu céu intergaláxias  
Pós utópico  
Dos paraísos sistemáticos  
Vês o amor,  
Como a morte, muda tudo.  
Petarca l'amore  
Sente por dentro  
Os enigmas do futuro  
Por trás do mágico de OZ  
Híbrido astronauta  
Nas dimensões do tempo  
Primaria és a simbiose  
Das cores desta cidadania digitalis  
Numa nova cultura cívica.  
Vermelha cruz das nossas chagas  
Para além do existir  
Nós coexistimos  
Na travessia do arco-íris  
De cores vibrantes  
Mais do que ser  
Nós entressomos.  
Por linhas e bandeiras  
Límbico cordão umbilical  
A cruzar o azul com amarelo,  
Puríssima constituição,  
Da terra imensa  
Naturalmente intensa  
Ora tocada, ora selvagem

Na era dos deveres essenciais...  
A essência do pensar e sentir dos povos  
Grita e agita a planície do balão  
Num realinhar da órbita  
Na perdição do ar a escapar  
No meio desta confusão  
E deleite e dor e liberdade  
Vês a alma!  
Urgente a servir à verdade,  
Ou à falsa ilusão na vida  
Deixa despertar  
O sonho na frescura da sombra,  
Em tua mão pulsante no coração humano.

**Ana Patricia Gonzalez**

# ETAPAS

Quando eu paro pra olhar,  
Eu lembro do processo...  
Eu gosto dos processos.  
As etapas são sempre necessárias...  
E às vezes “cê” nem imagina pra quê.  
Aí o tempo passa...  
Você aprende.  
Aí o tempo passa...  
Você ensina.  
E os momentos,  
São apenas, parte dos processos  
Das etapas de nossas vidas...  
(15.10.2019)

**Patrícia Salviano**

# EXECUÇÃO FISCAL

Trata-se de uma execução fiscal  
Ajuizada pela Fazenda Nacional  
Em face do Condomínio Residencial  
Objetivando a satisfação dos créditos  
Descritos nas CDAs  
Que instruem a inicial

Nem sempre a rima  
Sinaliza a poesia  
Por vezes trata-se apenas  
Do Fisco e de sua  
Sede patrimonial  
Contudo, que bom  
Achar graça  
Na rotina  
De uma Vara Federal

**Suelen Tavares Gil**

# EXPRESSO DE PALAVRAS

Manifesta-te,  
Ó ato genuíno,  
No tempo.  
Tuas criações  
E os pensamentos insurgirão  
Obedecendo à máxima:  
Onde há falta da linguagem,  
Far-se-á surgi-la à experiência do novo.  
E o todo estará aberto  
A servi-lo com a força  
Primeva da liberdade,  
De inspiradoras palavras,  
Da conjugação do verbo,  
De expressões não ditas,  
Inscritas nos seres  
Contemporâneos:  
Avoeja  
E toma assento.

**Ualy Castro Matos**

# GENI, O ZEPELIM E O DIREITO PENAL

Relações entre o Direito e a arte se fazem possíveis, pois a arte, assim como o Direito, é um produto cultural. Além do mais, de acordo com Barthes, a “morte do autor” ocorre quando o receptor de uma mensagem, reinterpretando o sentido, atribui um outro significado ao texto.

Falar sobre Chico Buarque demanda uma breve digressão: trata-se de um autor racialmente hegemônico, leia-se, branco, do Sudeste, mais ao gosto da classe média brasileira que um Cartola, por exemplo. Ou um Batatinha. Ou João do Vale, cantor negro, maranhense, autor de “Carcará”, cantada em parceria com Chico. O pai deste, Sérgio Buarque de Holanda, escreveu “Raízes do Brasil”.

Nessa obra, Sérgio analisa um fenômeno chamado “bacharelismo”, isto é a supervalorização, no Brasil, de um diploma universitário. E do próprio bacharel.

Assim, levando em conta que o(a) bacharel (a) em Direito é o bacharel (a) por excelência, alguns assim chamados via pronome de tratamento, fazer um *link* entre Direito e uma canção de Chico Buarque é um risco: poderíamos estar agindo de acordo com a cultura do bacharelismo, ao sabor das “palavras bonitas e argumentos sedutores”, nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda.

Assume-se o risco, sabendo que a alta cultura é uma forma de exercício de poder, de re-afirmações hierárquicas de classe e raciais. E a obra de Chico, convenhamos, é considerada alta cultura.

Problematizações à parte, “Geni e o Zepelim” pode suscitar algumas interpretações interessantes:

“De tudo que é *nego* torto/do mangue do cais do porto/ ela já foi namorada/o seu corpo é dos errantes/dos cegos dos retirantes/ é de quem não tem mais nada (...) é a rainha dos detentos/das loucas dos lazarentos/dos moleques do internato.”

O Direito Penal, dizem os autores, é uma conquista do Iluminismo, aquele movimento que colocou o homem (europeu) no centro do universo. Assim, o Direito Criminal significaria um freio ao arbítrio do poder de punir, uma verdadeira garantia ou “carta magna” do delinquente, diria Vont Lizst<sup>1</sup>.

Às figuras citadas acima, na música de Chico, o ramo do Direito que melhor lhes abarca seria o Penal. Em regra, é quando o Estado com eles se preocupa, historicamente. Essas figuras desviantes - “nego torto”, “loucas”, “moleques do internato” seriam os destinatários certos da norma penal, embora o discurso oficial de igualdade perante a lei nos diga que “a lei é para todos”.

O internato dos moleques, “negos tortos”, em sua maioria, não difere muito das prisões.

Assim, se o Direito Penal, um direito humano de 1ª geração, está ocupado em proteger e punir os desviantes, esse ramo jurídico seria como a Geni, digno de pedras e cuspes. Poderíamos falar nos “direitos humanos”, que não se preocupam com o cidadão de bem, de acordo com o senso comum.

O homem de bem joga pedra na Geni. Mas, se na passagem bíblica, os apedrejadores de Madalena também tinham lá seus pecados, na música de Chico não é diferente. Surge um objeto aéreo de guerra, o zepelim, cujo comandante está disposto a destruir a cidade onde vivem os homens e mulheres de bem. Porém, para não levar o apocalipse e a destruição àquela localidade, o comandante faz uma condição: quer uma noite com a Geni.

Os homens de bem da cidade, “o prefeito, o bispo, o banqueiro”, imploram à Geni para que esta atenda ao pedido. Se Geni fosse o Direito Penal, a Advocacia Criminal e a Defensoria Pública, o “cidadão de bem”, ao receber a intimação/chamado do comandante – “aparelhos repressivos de Estado<sup>2</sup>” (Judiciário, Ministério Público e Polícias), vai reclamar para si as garantias penais e processuais penais,

---

1 <https://sites.usp.br/cienciascriminais/franz-von-liszt-e-a-politica-criminal/>

2 Para Althusser, os órgãos encarregados pela persecução penal são aparelhos repressivos de Estado. *In* ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. Lisboa: Editora Presença, 2000.

tão execráveis, tão ligadas somente a bandidos, dentre outras “chicanas processuais”. Sim, eles vão querer um(a) advogado (a) criminal. Ou defensor(a) público(a), para si ou para os seus.

E vão desejar proteger a própria imagem, ou dos seus, da execração pública, do “apedrejamento virtual”, via mídias sociais ou tradicionais. “(...) ela é um poço de bondade”. “você pode nos salvar(...) bendita Geni.” Cantaria Chico.

E, o “Direito dos bandidos”, o Direito e Processo Penal, passariam a ser benditos<sup>3</sup>.

Mas, na música analisada, após conseguirem convencer Geni a se deitar com o comandante, este vai embora, após uma noite “lancinante” com aquela. E Geni, quando pensa que poderá dormir em paz, é acordada com os gritos das pessoas de bem, com direito a pedras e palavrões, novamente.

**Ismar Nascimento Jr.**

---

3 Sobre o tema: [www.justificando.com/2016/06/28/o-que-e-a-presuncao-geni-de-inocencia-no-processo-penal/](http://www.justificando.com/2016/06/28/o-que-e-a-presuncao-geni-de-inocencia-no-processo-penal/)

# GUERRA

E eles compraram armas, e queriam armar a população. Estavam preparados para a guerra, armados até os dentes. Mas em quem iriam atirar???

Já não há mais guerra para enfrentar. São muitas armas, muitas munições para atirar a esmo, no vento, naquilo que não se vê e que todos assim denominam vírus.

Se já não é possível guerrear com armas, porque não batalhar com a inteligência? Temos computadores, temos tecnologia avançada, robôs, máquinas, conhecimento...

Produzimos proezas que justificam a pós-modernidade.

Temos feito prodígios com o que restou das guerras anteriores. E quem diria que uma geladeira gigante de HDs se tornaria em um micro-multi computador potente???

E ainda insistimos em travar guerra biológica com arma de fogo, para morrermos todos pela força bruta da santa ignorância.

E é a ignorância (fim), justifica as consequências (meios) de um tempo que já acabando, que se definha aos nossos olhos, graças a força sorrateira de um vírus.

**Gustavo Medeiros**

# HARRY POTTER E O MELHOR INTERESSE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

A saga bruxa fantasiada por J. K. Rowling é recheada de temas jurídicos. De questões mais subjetivas, como o Chapéu Seletor e o Direito de Escolha, ou às mais práticas e críticas, como, por exemplo, Direito dos Contratos e o Voto Perpétuo, obrigação firmada entre dois bruxos em que o não adimplemento configura morte do devedor.

Em relação ao Direito das Famílias, e com base no ordenamento brasileiro, podemos conversar sobre a guarda de Harry Potter, ainda bebê, quando seus pais foram brutalmente assassinados por Lord Voldemort, o vilão da saga. Sabe-se que no testamento deixado por seus pais, a tutela de Harry é concedida à Sirius Black, seu padrinho. No entanto, Sirius estava injustamente cumprindo pena em Azkaban, sendo impossibilitado de cumprir com seu papel de tutor. A tutela foi então concedida para os tios de Harry, em consonância com o nosso ordenamento jurídico ao prever que, dentre outras formas, o tutor pode ser indicado em testamento, ou, na falta ou na impossibilidade, aos parentes consanguíneos, com preferência ao próximo do que ao mais remoto.

Todavia, em todas as disposições sobre a tutela, não é obrigatório que o Juiz - no nosso caso fantástico, quem decidiu foi Dumbledore - siga determinantemente a indicação em testamento ou o recurso da consanguinidade, tendo em vista que a condição primordial é o melhor interesse do menor. No caso, a convivência de Harry com os Dursleys, seus tios e seu primo, era constantemente perturbada. Harry era obrigado a morar em condições insalubres, em um armário embaixo da escada, sem afeto e com uma vida cerceada de mentiras e exclusão. Foi apenas com sua ida à Hogwarts, após seu aniversário de 11 anos, que Harry começou a conquistar autoconfiança e, aos poucos, tentar se livrar dos diversos traumas que herdou de sua morada com os Dursleys.

Quantas crianças são submetidas à situações similares de Harry? Consanguinidade não é sinônimo de afeto, tampouco de garantia ao mínimo existencial de crianças e adolescentes. Assim, é preciso que nós, operadores do Direito, em qualquer de nossos ofícios, busquemos apoio multidisciplinar de profissionais qualificados, e estejamos atentos às reais necessidades dos menores, que, por vezes, contrariam a de nossos “clientes”.

**Gabriela Ponce**

# HOJE É DIA DE FESTA

Há quem tema  
o confronto  
com quem cobra  
o que não pode ser dado

Há quem fuja  
de constrangimentos,  
por saber que nem todos  
tem sensibilidade e noção

Temer e fugir  
não são respostas  
para quem ainda sonha  
um dia viver

Por isso, se te incomodarem,  
corte gentilmente.  
“Hoje não,  
hoje é dia de festa”

**Rodolfo Pamplona**

# HORIZONTE D'ÁGUA

Eu guardo um punhado de sal no bolso do casaco da minha alma. Eu preciso sentir o mar vez por outra tocando a minha pele, aqui nessas alturas onde não tem horizonte d'água. Quando cheguei aqui de vez, todo o gole de mar guardado dentro do pote que eu trouxe do reino das águas salgadas tinha evaporado pr'o céu - só ficou o sal. Ele vai comigo pra todo lado, um punhado de sal feito bicho de estimação amarrado num cordão, para evitar 'perdimentos'...

Não sei dizer porque sinto saudades do mar - nesse tamanho tão grande de saudade - se nem sei nadar. Só sei dizer que é uma saudade diferente. Saudade de um horizonte d'água. Do toque do horizonte d'água na beirinha do céu. Daquela vontade da gota virar nuvem. Porque gota sonha planar leve lá na imensidão dos ares raros, subindo céu acima na leveza da nuvem, nas proezas do vento - até chegarem outra vez aqueles tempos de tempestades despencando gotas mar abaixo. No eterno ir e vir que é todo destino de gota.

Meu punhado de sal no bolso aguarda, na paciência do tempo, que o destino o leve outra vez ao encontro das águas. Ele sente saudades de beijar o horizonte d'água na beirinha do céu, como um amor primeiro, único, apaixonado. Derretendo o juízo. Virando do avesso.

Eu sei que vocês irão dizer que um punhado de sal apaixonado é loucura porque derretido vira água, vira nada. Mas eu lhes digo: vocês apaixonadxs também são loucura, também são quase nada - ou vocês se esqueceram que os seus corpos que os carregam pra lá e pra cá nessa estrada são todos setenta por cento d'água, e que o que sobra é tão pouco, ou nada? - também quase nada sobra de vocês quando apaixonadxs...

Olhem bem fundo em seus avessos... O que lhes sobra do avesso depois de um amor sorrateiro? Água. Maré alta. Inundação a perder de vista...

Então deixem em paz meu punhado de sal apaixonado por horizonte d'água... Enquanto ele não volta pra sua beirinha de céu a

beijar seu horizonte d'água, vai fazendo de conta que o céu da boca da minha alma é sua redenção.

De minha parte, vou sentindo cócegas no céu da boca da minha alma - e isso me salva desse mundo onde tudo é quase sempre chão.

**Nic Cardeal**

# HUMANIDADE É A PALAVRA CHAVE

Peço para o dia de hoje mais suavidade  
Parem com essa guerra tosca  
Pensem como humanidade  
Vejo pessoas brigando por direitos e por igualdade  
Sem perceber que do mesmo jeito  
Estão praticando a crueldade.

Peço Deus no coração  
Peço solidariedade  
Peço paz e união  
A palavra chave é humanidade.

**Bianca Rosenthal**

# INCONTROLÁVEL TEMPO

Por todo o tempo, queremos controlar-te, Tempo.

Por todo o tempo, buscamos driblar-te,

Peças do destino pregar-te,

Mas tudo é em vão,

Pois, assim como os batimentos do coração,

Incontroláveis são as suas marchas, seus passos,

Seu caminhar pelo espaço

Em qualquer espaço

de tempo, passatempos.

Tempo de lutar, tempo de vencer,

Tempo de amar, tempo de viver.

Viver o tempo exige-nos mesmo muito talento.

Em meio a dores, decepções ou amores,

Seja o melhor artista do seu tempo.

**Laura Cecília Braz**

# INSÔNIA

Sigo-te ponteiros  
Numa incansável ciranda  
Paulatinamente saltam entre pontos  
Que marcam infinitas porções de tempo.  
Ouço-te zombar  
Açoita meus sentidos,  
Clamando o insólito sono.  
Desvairados ponteiros  
Comandam o passo controlado  
Que meus olhos apreciam atônitos  
Penso que retornam ao mesmo ponto...  
Engano-me, pois.  
A cada salto representa o hiato  
Entre o passado e o insurreto incansável momento.

**Rodrigo Luz**

# INSPIRAÇÃO

Rubro a ti, sem perceber...

Preparo-te coração.

Inconfundível emoção que atrai a percepção da condição.

Moral? Quem julgará os anseios que promovem o bem-querer em substrato congruente que envaidece...?

Apavoro o senso comum!

Questiono a razão do ser e,

Liberto-te os instintos.

Imagino o açoite do súbito pudor

Invariável, incomum, inconstante!

Lapadas que causam cicatrizes

Mas, constroem memórias

Que alimentam a experiência

Do confuso desejo.

**Rodrigo Luz**

# ISOLAMENTO

O mundo se isolou, fechou em si. O tempo e as coisas pararam para o homem refletir e, talvez, mudar. O que seria de nós se não fosse uma pandemia?

Mas a maioria das pessoas fogem a regra, perdem a paciência que se exige em um confinamento forçado. A primeira brecha que aparece, se aglomeram, se amontoam, como em um movimento não coordenado.

A entrada de um shopping center hoje pode ser a vala coletiva de amanhã. O consumo pode dar lugar ao lamento de uma cama na UTI de um hospital.

E há quem veja o desdém de uma ignorância dançando livremente na cheia da maré que invade a rua em pleno dia chuvoso nas “lives” de um outono qualquer.

Enquanto não houver a cura do mal, se isole.

Se feche para o mundo

Se feche com o mundo

Refleta

Repense

O vírus não é chinês e a ilusão é a mãe da ignorância.

**Gustavo Medeiros**

# JORGES PORTUGAIS

Que perda humana e cultural  
a do Professor Jorge Portugal.  
Atuou como poeta, escritor  
E de algumas músicas, foi o compositor.

Alguns só conheciam do Prof. Jorge Portugal  
O seu lado profissional  
Assistir suas aulas na TV  
Nos trazia o interesse em ler.

Várias pessoas se apressaram para postar  
A notícia de seu falecimento  
Em seus stories e redes sociais  
Todos consternados, pelo momento

Mas a sua partida, me fez repensar  
Quantos “Jorges Portugais” podemos pontuar?  
Que estão bem pertinho  
No emprego ou em nosso lar  
Mas não enxergamos e nem damos valor  
Sequer somos incentivador

Comece agora a enxergar  
Quantos são os funcionários  
Colaboradores ou operários  
Com várias qualidades artísticas  
Escondidas atrás do armário

Para aqueles que os revelam  
são chamados de revolucionários  
Loucos ou imaginários

Cansaria aqui se fosse relatar  
Os nomes das pessoas que vejo atuar

Na roda viva no mundo real  
Substituindo sua arte pelo lucro profissional

São Taysas escritoras, poetisas,  
dançarinas e educadoras  
São Marias e Ritas graduadas para administrar  
São Alfredos guitarristas e baixistas a tocar

Gerentes advogadas, que vivem a bailar  
Déboras encarregadas e pedagogas  
Que voam à noite para ensinar

Angelinos fotógrafos, prontos para compor  
E na igreja cantar seu louvor  
Marianes em lives dedicadas a pregar  
Várias são a faces artísticas  
Que podemos e devemos admirar

Gratidão a Jorge Portugal  
Por aguçar esse lado cultural  
Agora vai, corre nos seus stories  
Pode no seu feed postar  
Que tem muita gente boa  
Pronta para voar

Mas faz isso em vida  
Faz essa estrela brilhar  
Não espere a morte desses  
Para sua arte compartilhar

Rumo ao incentivo  
Para que se mantenha vivo  
Nossos ideais  
E que se multipliquem no mundo  
Os “Jorges Portugais”

**Eliane Câmara**

# LAR

Escrevendo espiritualmente  
Muita coisa não cabe dentro da mente  
Sem dúvidas serve pra ensinar a gente  
A viver com intensidade o presente

Um instante  
Um simples momento  
Despretensioso e sorridente  
Somos convocados a dançar livremente

A fé é edificante  
nos ensina antes de tudo a ser tolerante  
Ser crente  
e principalmente resiliente

Entender nem sempre nos cabe  
Já que o porquê ninguém nunca sabe  
Bastar sentir que  
dentro da gente, o universo todo cabe.  
E ai está o nosso verdadeiro lar, se esbalde!

**Aline Venutto**

# LENÇOS UMEDECIDOS

Rodopiar numa nota musical  
Jogar ao vento, aos mares e matagal  
um pano leve, suave e natural  
bailar envolta de um lenço corporal

Moda influente na zona rural  
o lenço traz a beleza facial  
com um laço firme e contundente  
ajeita as madeixas e não aperta a mente

Mentes sombrias, as vezes tristes,  
por vezes vazias,  
simplesmente a flutuar  
Como um lenço a beira mar

Com pensamentos soltos  
o mesmo mar sereno se transforma revoltoso  
é como ver o lenço a deslizar  
se transformar em nó, e se embaraçar

Embaraçar em fios, em corações desabitados  
Enlaçar o amor e transformar os desalmados  
enaltecendo o olhar em horizontes em alto mar  
usando o lenço para a terra firme avisar  
que a alma vive para viajar

E para os que ficam sem imaginar  
Choram, sem cessar, entristecidos  
e o lenço que era seco  
fica logo umedecido  
com as lágrimas que despencam a cair  
Pois da inércia não podem sair.

# LIBERDADE. SERÁ?

Vivemos realmente livres  
Em nossos domínios?  
Ou vivemos tristes  
Trancados em condomínios?

Câmeras, cerca elétrica,  
Porteiro e tudo mais...  
Sair de forma discreta  
Sempre olhando para trás  
Com medo das emboscadas  
Prisioneiros em nossas moradas?  
Isso não é liberdade!  
Uma triste realidade!  
Faz-se tudo por dinheiro  
Lema de muitos brasileiros:  
Sorte se eu chegar primeiro.

Para ser livre a Nação  
Não só o Governo, mas o povo -  
Deve acabar com a corrupção!  
Ser livre no corpo e na mente  
Seria tudo tão diferente...  
Reflitam, sejam conscientes,  
Pensem nisso minha gente!

**Bianca Rosenthal**

# MAPA ASTRAL

Só eu sei dos meus passos, dos caminhos que vão dar no meu destino.

Só eu sei das minhas dores e dos meus desafios, da sina e da sorte de ser quem sou. Nada é fácil na vida e os obstáculos são muitos.

As vezes me pego chorando, deitado em posição fetal, lamentando o fato de ser eu em meio a posição dos astros e da lua que traduz o meu lado emocional.

As vezes olho para trás e vejo o quanto eu caminhei para chegar onde estou e quantas dúvidas venci para ter a completa certeza da felicidade de estar no mundo.

E na conjunção do céu, que diz muito sobre mim, vejo a luz das estrelas iluminando os caminhos que meus passos trilharão em meio a quadraturas e aspectos tensos.

Percebi, nas sextis e nos trigonos, que nada é por acaso e os nossos destinos são de aprendizados e ensinamentos. São as trocas que possibilitam o crescimento.

Só eu sei dos passos que darei.

E quando olho para dentro de mim.

Percebo o sentido de existir nesse mundo.

**Gustavo Medeiros**

# MEDIAÇÃO HUMANISTA

A mediação humanista trabalha com a conexão da gente com a gente mesmo, com os outros e com a vida! É sobre ter responsabilidade afetiva

A vida, por vezes, é um ying yang, um contraponto entre o bem e o mal, o preto e o branco, o 8 e o 80, às vezes, a gente se esquece do meio. Somos ensinados a sempre tomar partido, a escolher um lado da história, mas quando a gente entende um conflito de dentro para fora, com empatia, é impossível julgar e a gente passa a enxergar a situação com outro olhar

É saber olhar a partir da nossa verticalidade e horizontalidade e se encontrar no coração, que verbaliza a expressão mais sincera de apoio, de entrega e atenção

E a gente entende de onde viemos, o que estamos fazendo aqui e para onde vamos, e a vida só tem sentido se tocarmos os corações das pessoas, então não ignoremos as emoções, elas são imprescindíveis para tudo o que fazemos, dê valor a intuição, preste atenção nos detalhes e principalmente, saiba gerir as emoções, pois é as gerindo que a gente melhora as relações

É a sensibilidade que nos dá vitalidade, não nos deixemos enrijecer, deixemos que a razão se encontre com a emoção, pois é sentindo que a gente toma a melhor decisão

**Larissa Vitória Costa Carrazzoni de Souza**

# MIGNONNES

O Filme MIGNONNES dirigido por Maimouna Doucoure, em sua estreia como diretora, conta a história de AMY, uma menina senegalesa, com 11 anos de idade, que reside com sua Família na França.

Pelo fato de ter nascido mulher, Amy se vê predestinada a seguir uma vida de submissão, presa às tradições e aos costumes rígidos da religião muçulmana, seguida pela Família. Ela guarda dentro de si, porém, um enorme senso de não pertencimento à realidade na qual vive inserida. Não se identifica com os rituais religiosos, não se identifica com a forma de vestir e de viver das mulheres que a rodeiam.

Dentro desse ambiente de opressão, Amy fica muito abalada ao presenciar, escondida embaixo da cama da mãe, seu choro sofrido, ao saber que o marido irá se casar com outra mulher, e, pior, que virá morar com a nova esposa no mesmo apartamento em que residem. Ao mesmo tempo, a mãe é quase que “forçada” a deixar seus sentimentos de lado, e anulando-se por completo como pessoa, seguindo a tradição, comunica o fato às outras mulheres da comunidade, registrando ainda a sua “alegria” em receber o casal.

Tentando fugir dessa realidade, bem como dos sentimentos de revolta e de tristeza que a capturam, ela se junta à um grupo de meninas de sua escola, que formam um grupo de dança: MIGNONNES (Lindinhas na tradução).

O convívio com as meninas simplesmente deixa Amy fascinada, e reforça sua percepção, ainda que infantil, de que não há como ser feliz no ambiente onde vive. Acima de tudo, o convívio com as meninas traz um pouco de felicidade à dura rotina da menina, que vive envolvida com as tarefas de casa e com os cuidados com o irmão menor.

A entrada no tal grupo de meninas não é tarefa fácil para Amy (há bullying e desentendimentos entre elas) e sua aceitação pelas outras é algo que precisa ser conquistado.

Começa então o ensaio da coreografia pelo grupo. Apesar de

Amy parecer bem mais infantil do que as outras meninas, é ela mesma quem sugere uma coreografia sensual, que envolve dedinho na boca, muito rebolado e movimentos que causam certa estranheza e incômodo para quem as assiste.

O filme foi repudiado e a diretora acusada de incentivar a sexualização precoce de meninas, a pedofilia e a pornografia infantil.

O que falar do filme?

Penso que a proibição ou à censura da história, a enxurrada de críticas negativas ao filme ou atitudes neste mesmo tom, não são os melhores caminhos para se comentar sobre a polêmica gerada.

Todo o imbróglio que macula o filme tem lá a sua razão de ser, já que em um primeiro olhar poderia incentivar a erotização do corpo infantil. A prostituição de meninas com tenra idade, a comercialização de pornografia infantil, a erotização precoce, são problemas concretos, e infelizmente bem reais e contemporâneos. Mas ao mesmo tempo, *MIGNONNES*, e acho que aqui está o seu mérito, mostra Amy como uma menina que, na verdade, assim como as amigas da mesma idade, não têm a real consciência do próprio corpo, do que é o sexo, e do que tudo isto significa.

A dança parece surgir sem maldade ou mesmo sem qualquer consciência por parte de Amy e das meninas sobre o que é certo ou errado, sobre o que admissível e sobre o que é não recomendável para aquela faixa etária. É preciso lembrar que estamos falando de meninas com 11 anos de idade. Todos os limites precisam ser ensinados.

Há cenas no filme que parecem corroborar essa assertiva: a primeira menstruação de Amy, a cena que mostra o momento em que as meninas encontram um preservativo usado e não sabem o que fazer com o mesmo..... Existe, por certo, um saber coletivo que paira no ar sobre o conceito de sexualidade, um frisson, mas tudo muito fluido, muito insuficiente, cercado de mistérios, enigmas e fantasias. Muitas fantasias.

É confortável assistir ao filme e ver a coreografia encenada pelas meninas, as Mignonnes? É certo que pode trazer algum desconforto. São crianças.

Mas o mais desconfortável mesmo é saber que, por falta de in-

formação, pobreza extrema, fome e outros problemas sociais que colocam muitas meninas em situação de vulnerabilidade extrema, as taxas de gravidez na adolescência em nosso País são tão altas. É desolador saber que a prostituição infantil é caso de saúde pública em nosso País, notadamente em alguns Estados da Federação. É também ruim demais saber dos casos de abuso sexual infantil que são silenciados em muitas Famílias (de todas as classes sociais).

O acesso à informação é fundamental. As iniciativas contrárias à abordagem sobre gênero, ideologia de gênero e orientação sexual, no currículo escolar, sob o argumento de que isso ofenderia a moral e os bons costumes da Família brasileira tradicional não trazem a melhor solução para tratar de mazelas sociais tão importantes que podem atingir meninos e meninas, notadamente os mais carentes.

O Plenário do Supremo Tribunal Federal, quando do julgamento das ADPFs 461,465 e 600, declarou, por unanimidade, inconstitucionais trechos das Leis municipais 3.468/2015, de Paranaguá (PR), e 2.243/2016, de Palmas (TO), e da Lei Orgânica de Londrina (PR), alterada pela Emenda 55/2018, que proibiam o ensino sobre gênero e orientação sexual. Na avaliação do relator das ações, ministro Barroso, que já havia suspenso liminarmente os dispositivos, “ as normas comprometem o acesso de crianças, adolescentes e jovens a conteúdos relevantes, pertinentes à sua vida íntima e social, em desrespeito à doutrina da proteção integral”.

Para o relator, a educação assegurada pela Constituição de 1988 é voltada a promover o pleno desenvolvimento da pessoa, a sua capacitação para a cidadania e o desenvolvimento humanístico do país e é fundada no pluralismo de ideias e na liberdade de aprender e de ensinar, com o propósito de habilitar o indivíduo para os mais diversos âmbitos da vida como ser humano, cidadão e profissional.

Barroso salientou que as leis municipais caminham na contramão desses valores. “Não tratar de gênero e de orientação sexual no âmbito do ensino não suprime o gênero e a orientação sexual da experiência humana”, afirmou. “Apenas contribui para a desinformação das crianças e dos jovens a respeito de tais temas e para a perpetuação

de estigmas e do sofrimento que deles decorre”<sup>1</sup>.

O filme está disponível na NETFLIX, e, além de uma história sensível e bem costurada, traz um sinal de alerta sobre o perigo que a opressão religiosa familiar, a falta de informação, de acolhimento e de proteção à infância podem trazer.

**Patricia Leite Carvão**

---

1 Notícia disponível em <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.AR1pM2pmPB2gBT4TjQaRmhyGkQcEs3TEIHpOYCyq77OZsKUYepfdhs-9Fpc>>, acesso em 13 /10/2020.

# MISTERIOSO TEMPO

Misterioso tempo que esconde a chave  
Chave que gira a mola deste velho relógio que a parede sustenta  
Tempo...

O que queres com tanto sigilo?  
Revele a mim o segredo que espreita  
Dê-me o controle dos passos  
Para que eu possa deleitar e superar  
Os espasmos desse coração...  
Que galopa aos montes  
Confundindo Razão e Paixão  
Atento estou  
Aos ponteiros que circulam  
Se cruzam momentaneamente  
Conduzindo pausadamente a mente  
Passo a Passo, ritmado nunca parado  
Vejo, não nego o seu empenho  
Mas, anseio por entender  
O aprendizado que queres me oferecer

**Rodrigo Luz**

# MORTE

“Deixai os mortos enterrarem seus próprios mortos”, disse o profeta ao ensinar mais uma máxima de seu cabedal de lição moral aos discípulos que o seguiam.

Manaus, 21 de abril. Em pleno feriado de Tiradentes, valas coletivas foram abertas para que corpos possam ser depositados. Não houve enterros dignos com pompas e circunstâncias.

E quem deveria cuidar se responsabilizar consente. Exime-se do fato e empurra a responsabilidade, alegando não ser coveiro.

O chefe geral da nação, em um ato de irresponsabilidade, está, aos poucos, enterrando.

Ele enterra sonhos e esperanças com a pá de cal da indiferença, afinal de contas um corpo a menos é um CPF cancelado em meio a tantos que tiveram o mesmo fim nas injustiças dos justiceiros.

O chefe da maior nação da América Latina quer matar e enterrar, matar e enterrar, como em um ato de psicopatia marcado pela frieza de ser indiferentes as vidas mortas na batalha contra a pandemia.

Com isso, sua claque, envergando a vergonha verde e amarela, bate palmas, buzina, grita, urra, xinga...

Enquanto isso vamos enterrando os nossos mortos, chorando em seus túmulos, para que hajam flores de esperança.

**Gustavo Medeiros**

# MULHER

Seria, talvez, distopia  
Se nós mulheres não sentíssemos na pele todo dia  
Injustiça, exclusão e hierarquia  
Aumentando ainda mais nossa agonia  
Vivemos como se buscássemos a bendita alforria

Reconheçamos, nas mulheres  
As mãos que suportam o mundo e carregam flores  
Ingredientes que nutrem de todos os sabores  
Simbologia do regaço acolhedor que dissemina valores

É garra, exemplo, luta e fé  
Loucura, silêncio, grito de uma voz que permanece de pé  
Amparo, apoio e repúdio a tudo que te afasta do que quer  
Abraço, braço e pulso firme remando em qualquer maré

Rastros históricos de uma eterna superação  
Não se distinguem por raça, são uma nação.  
Mesmo que pela cor da pele ocorra certa objeção  
Branca, Negra, Mestiça ou azul  
É o seu ventre que gera e procria do norte ao sul

O seu coração é o próprio AmarElo  
Seu colo a defesa para qualquer flagelo  
Sutileza e nobreza dignas de um castelo  
Mas, a humanidade fez delas um paralelo  
Por tudo isso ... remodelo  
Anelo  
E espero  
Que percebamos que somos todos, um único elo.

Respeitando a idiossincrasia  
Falemos em polifonia

Ser mulher, é ser harmonia  
Mesmo com tanta avaria  
Permaneçamos sorrindo com alegria  
A força é nosso prato de todo dia.

Para que em plena primavera  
Acreditemos numa nova era  
Em que a mulher se considera  
Muito mais do que a sociedade impõe e espera!  
Somos o ar dessa atmosfera.  
O porvir passado e futuro formam nossa quimera.  
Somos halo do amor genuíno que prospera!

**Aline Venutto**

# O QUE IMPORTA?

Caminham todos para seu destino  
Rios de desatinos atirados no mar  
Acontecimentos  
O final  
O que pode fazer agora  
Estamos de algum modo atravessando este  
ou aquele momento  
O trágico não é a morte  
E sim, a vida como ela é vivida.  
O meio diz o que importa  
A despedida de cada encontro  
Quem de nós consome o desejo  
Porque arde no peito o minuto e não convém?  
E olha na cara do medo  
Instante agonizante  
Sedentos de ilusões  
A realidade da qual clamamos  
Não existirá para ser extinta  
Foi tecida pelo fio do invisível  
Ela é capaz de reproduzir  
O início da resposta que se modificará  
A cada nova escolha na construção de sentidos

**Ualy Matos**

# O RICO E O POBRE OU O CABREIRO E O ADVOGADO

Num Lajedo do Sertão,  
Um Rico e Pobre se encontraram,  
O Pobre era cabreiro,  
Já o Rico, advogado.

Do outro lado da Serra,  
O Diabo espreitava,  
Vindo do Auto de Vicente,  
Com Dinato anotava,  
O Rico e o Pobre conversavam,  
E o Encourado observava:

Disse o Rico para o Pobre:  
- Tudo que busco na vida é Poder;

Nisso retrucava o Pobre:  
- Já eu intento sempre a Justiça,  
Mas o fato é que na vida,  
Não encontro essa *mardita*.

Satanás que é muito esperto,  
Disse logo a Dinato:  
- Anote em seu caderno meu caro:  
Que o Rico busca poder,  
E o Pobre vive injustiçado.

O Rico se gabando,  
Falou de sua gravata,  
Pois ele só usa terno,  
Para defender a sua causa,  
O Pobre de panos velhos,

Quando usa é uma pecata.

Mas a vida é todo mal,  
E Belzebu disse sabia:  
O Rico de gravata,  
Porque tem bom capital,  
Mas o pobre de pecata,  
Nem entra no tribunal.

O Rico ainda dizia,  
Que é por todos adorado,  
Mas o Pobre que é coitado,  
Ninguém o conhecia.

Pois o Diabo arretado,  
Acertou mais uma lá:  
O Rico nunca é odiado,  
Já o Pobre vive discriminado.

Quando o Rico comete crime,  
O martelo o inocenta,  
Mas o Pobre da favela,  
Basta sair de sua casa,  
Que a polícia o condena.

- Não perca tempo Dinato,  
Que grande essa lição:  
O Rico que é julgado,  
Mas o Pobre que vai para prisão.

O Pobre que se preza,  
Não tomba com o Rico não,  
Pois o Rico que vê Pobre,  
Logo se atira no chão,  
Mas o Pobre que é sincero,  
Este lhe estende a mão.

- Dinato, Dinato!  
Indagou o Cramunhão.

- Que lá traz de sua visagem?  
Respondeu de imediato.

- Me faça essa fineza,  
E grafe essa unidade:  
Ora, o Rico que é soberbo,  
E o Pobre esbanja humildade.

O Rico já foi a Disney,  
O Pobre nunca saiu do país,  
O Rico acha o Brasil pouco nobre,  
Já o Pobre, esse sim,  
Só aqui consegue ser feliz.

- Última nota, tome lá carnicheiro:  
O Rico odeia o Brasil,  
Porque gosta do estrangeiro,  
Já o Pobre que é daqui,  
Esse sim é brasileiro.

**Raique Lucas de Jesus Correia**

# O SOPRO DO AMANHÃ

Chá com Drummond as 06h53min  
Predestinado às esquesitices  
Sob lava, resignado e mudo  
Das janelas azuis, a verde  
Vendo o mundo d'uma fechadura...  
Toma minha mão direita, sustém-me, pai!  
Anseio eu o coração vagabundo?  
A poesia é a catadura de meu templo.

**Caio Vlasak**

# O TEMPO

O tempo é capaz...  
Em redimir a dor,  
Ao Recuperar o amor perdido?  
No Cicatrizar o silêncio faminto  
Das palavras escondidas,  
Por detrás do sorriso?  
O tempo é cruel,  
Ao fritar dos anos,  
Ao frigar dos olhos,  
Ao secar dos lábios,  
O verso mais antigo?!  
O tempo é amigo,  
No (re)velar dos segredos,  
Em fim de selar destinos(...)?  
O tempo é refúgio,  
Ao sufragar das horas,  
Em derredaira esperança,  
De que virá bonança  
Sem certeza alguma...

**Caio Vlasak**

# ÓCULOS ESCUROS

Translúcido filtro  
Par de lentes em negro acetato  
Enquadra o sorriso que revela  
O mistério que almejo desvendar  
Quem será?  
Doutora, escritora?  
Tento ler os lábios que intrigam  
Não consigo... faltam-me alicerces  
Agora suposições  
Junto letras... arranjo palavras  
Na tentativa de encantar  
A professora inspiradora  
Dos simples versos  
Que arejo neste papel...

**Rodrigo Luz**

# ODE AO MESTRE SUASSUNA

Décima em Versos Decassílabos

Ser-tão, Reino Encantado do Além-Mar,  
Terra Áspera de Ouro-Marfim e Saara,  
O Cáli-do teu Fogo, A Ilumiara,  
Do Destino, ao Desatino, a Bramar,  
Tua efigie de Tapir, Onça-Jaguar.

Mas é senão a noite pela poterna,  
As Cobras sa-em fuga da caverna,  
Esgueirando-se no infinito adentro,  
Lá é que se revela o Mundo, o Epicentro,  
Do Cantar de Suassuna e Quaderna.

**Raique Lucas de J. Correia**

# ODEIO-TE

Como eu te odeio!  
Odeio como você não me larga,  
Odeio como você me mantém,  
sempre, sufocada.

Odeio o seu olhar taciturno,  
a sua constante indiferença.  
Porém, o que me deixa em cólera,  
é a sua, ausência.

Odeio essa força que tens,  
sobre minha alma e meu ser.  
Odeio seus crebros esforços,  
faz-me, ceder.

Odeio esse conflito que me causa,  
odeio como me deixa em choque.  
odeio como meu ódio se esvai,  
no seu simples, toque.

Odeio como acordo todos os dias,  
determinada a lhe esquecer.  
Odeio seus lábios na minha mente,  
todo, anoitecer.

Odeio a energia gasta em te ver,  
distribuindo amor, alegria e prosa.  
E pra você, o que sou?  
Sua simples, sobra.

Odeio me perder por te querer,  
odeio não poder te dizer:  
que acima de tudo,  
eu me odeio, por amar você.

**Elizabete de Araújo Souza**

# ODISSEIA HUMANA

O sonho da bonança tem um valor no embodeiro para além da moeda, da pecúnia, do tempo, dos excessos, do narcísico. Desta anterior encarnação foste leitor ninfa de Delfos, na Grécia, numa cosmovisão da Justiça com venda, fechava ela e tu os olhos para não seres cegos no cordão a puxar os poucos passos de prisão tão mundanal.

Foi a Justiça despida da visão na nuvem de Thánatos, em precioso papiro da documentação secreta que o tempo ao silêncio condenou a embriagues do vinho oh Porto.

A vislumbrar entre a neblina das nuvens Atenas, feito oásis no deserto.

Em perspectiva holística cultural e humana essencial... indo ao fundo das coisas nas mudanças históricas e alterações profundas. Pelo oráculo deslumbrava a míope condição humana. Na objetividade empírica da Renascença “o velho” na tela do realismo representado pela cegueira, diferentes eram os problemas oculares, trazia fragmentado o conhecimento. Mantendo a cabeça ativa para desenvolver melhor percepção do equilíbrio de outros sentidos sensoriais, cinco homens e tu iluminavam a profecia.

Para melhor dizer o que tenho a dizer certamente que será oportuno ouvir falar dos cegos, para olhar com prudência para frente e caminhar com um pé ao outro na pergunta introspectiva de como aquilo que agora existe se tornou o que é...

Uma Atenas devastada pela epidemia, antes de Cristo, igualmente vulcanizava acelerada decadência da pólis em longos anos que se sucederam ao cabo do subsequente processo de Sócrates, a testemunhar o perigoso devaneio que o néscio faz ao saber e que o mal faz correr a virtude, está última por sua vez resgatada pela terminologia no cosmos da filosofia das escolhas de Sophia. É imensa a compaixão que veste Tomás de Aquino pelas mãos da Cátedra na original fusão da integridade no espírito das leis, sagradas e profanas desta humana natureza viva.

Em uma sociedade em declínio no momento inicial da tradição filosófica ocidental desnuda a situação inexperimentada onde tudo são perguntas e medos... Submerge então a contrariedade ateniense a tudo, tanto faz sagrado ou profano, nada lhes podia por freios em suas condições humanas de situações limites. Na caverna subjulgativa a todos nos apresenta o acesso à liberdade, a serenidade, a generosidade, a gratidão, a abertura ao outro em cegos fragmentos simbólicos de autêntica tradição reequacionadora dos problemas, para discernir o que nos move originariamente, afim de idealizar uma nova linguagem pública do homem novo, no sobre-humano esforço a calcular os passos, que com redobrado alento avança mais um passo, exatamente como faria o homem velho já outro.

Transgride tu a Justiça! Na tensão de Eros por Thánatos e de Thánatos por um Eros – que já não se volta sobre si mesmo - em pulsão de morte se reverbera também como pulsão de vida, na altiva postura dos homens em sua condição humana multissensorial da consciência natural da alma.

Este homem no interior da personalidade, representado por seus símbolos e o sagrado feminino, no fértil terreno da Justiça... no cordão de cegos, em que perpendicular ao “pater iuris” gera nos pólos magnéticos dos corpos: frutos, desejos e sonhos, o desvelo de seu pleno movimento, seus limites na fratura que leva a um superar e redimir a condição humana.

Num ápice de consciência, em tempos de interioridade, tê-la e não tê-la a justa venda faz simplesmente tudo belo ou o erro de Atenas, pois, é o imaginário e a imaginação a forma de se possuir o que não se possui, a possibilidade da mente, na expansão da própria vida em seus princípios e regras. Telemática pólis de cidadãos governantes és fadado o século XXI ao homem novo “homo digitalis”.

No balanço dum mundo observado no terceiro olho introspectivo que por vezes se permite sentir os medos que aprisionam na pele como quem veste uma natureza humana e inquieta por dentro a alma. Neste voar fora da asa que o cego na caverna projetada no ímpeto intento vai entendendo este portento.

Tendo bem claro no coração e na cabeça o mapa da situação (por esperança ou medo ou desejo)... de si mesmo e também do outro no

registro histórico e pessoal da experiência humana. Estrangeiro leitor na tertúlia de muito mundo conhecer dos livros, pouco mais.

Como quem o acordo de um sonho no despertar apaixonado pela existência das raízes da rosa mística, todo ano na chegada do outono descansa nas asas que voa ao céu e floresce na primavera além de Praga, a espera do olhar a lhe despir a alma com delicadeza de carícias plenas.

Rompi tu leitor o prazer da poética de degustar e saborear as palavras e o cheiro das páginas (nas asas) vestidas apenas com o invisível aos olhos, no provérbio constitucional de suas cláusulas pétreas. A Justiça entre os cegos têm lá a liberdade no exato momento em que a ti começa e termina a própria, com pena de ser ação sem consequência. Em planta de projeção Baobás sonhemos em Atenas, pois, os limites só existem a quem deixou de sonhar.

**Ana Patricia Gonzalez**

# OLHEI ALGO SOBRE... E FUI PRO CARNAVAL!

Hoje nossos corpos estão fadados, junto a um senso inconformado de raiva pessoal, parece que agora nosso âmagos está à procura de um lugar nesse mundo moderno. Em “as consequências da modernidade”, Anthony Giddens nos atenta neste olhar voltado para essa modernidade, no sentido de que, ao estarmos entrando em um período “pós-moderno”, estamos vivenciando os avanços em que as consequências dessa era moderna, apenas estão se tornando mais complexas e radicais. Não estou advogando sobre o que foi essa sociedade em tempos passados (ou parecia ser), até porque, parece que não mudamos tanto.

Olhei algo sobre esse vírus semanas antes do carnaval, vi que já estava tomando uma notória expansão, assim como todo brasileiro, ou pelo menos grande parte, decidi vivenciar o evento mesmo assim. O carnaval além de um acontecimento cultural, o considero como uma representação dialógica, sim. São relações entre índices sociais de valores, constitui todo um enunciado e se compreende como uma unidade de interação social.

Relações e valores, duas palavras que fazem mais do que sentido quando estamos vivenciando uma pandemia que nos força a um isolamento. Quais nossas relações? Quais os valores que colocamos nelas? Parece que o momento que segue, dois vírus estão em jogo, o vírus disseminado para destruir fisicamente e um vírus estrutural. A diferença é que um, ceifa vidas rapidamente, o outro, constrói histórico e diariamente aparatos para continuar ceifando-as.

A história nos mostra que negadores de genocídios são cegos, não só os negadores de genocídios são cegos. Os que se conformam sob seus paletós e poltronas confortáveis em seus bons cargos, também os são. Não usam mais capacetes coloniais e bigodes longos, mas ainda retroalimentam a colônia e o capital que mata. Se depois de um ritual cultural e abrangente, que as ruas fecham, as cidades se apagam,

pessoas morrem aos montes, e, como citado anteriormente, um vírus mata, o segundo também, e sabe como e para qual cor é direcionado a fazer isso. Parece, que só estamos vivenciando entrelinhas fragmentadas do nosso passado. Foi preciso realmente um vírus para nos darmos conta que vivemos tendo que lhe dar com um, se não, muito pior? Todo esse povo, pertencente de uma luta de classes onde o proletário vive sempre em desvantagem, estão procurando o seu lugar no mundo, seja ele moderno, pós-moderno. Assim como se procura e corre-se atrás em meio a um folião por um trio elétrico, e no outro dia se encontram com os pés doloridos, inchados ou cortados. Esse povo no contexto mais geral das vulnerabilidades individuais, só procura pelo direito de continuar vivendo. Ao ler a notícia depois do carnaval, entender e compreender a situação. Aparentemente não há nada de mágica nisso, tanto nas faltas de relações quanto nos “novos” valores.

**Carlos Henrique Duarte Araújo**

## **REFERÊNCIAS**

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*, São Paulo, Editora Unesp, 1991.

# PÂNICO MORAL

Qual é o pior medo?  
O asco do que ocorreu,  
O terror do que se vê  
ou o receio do que pode vir?

Quando o discurso  
torna-se concreto,  
nada mais é certo,  
senão o temor da opressão.

Pouco se sabe o que virá afinal,  
mas não se espera coisa boa  
quando se confere quem tece loas

a quem ameaça sua existência,  
arriscando sua sobrevivência  
em um estado de pânico moral.

**Rodolfo Pamplona Filho**

# PAREDES

Paredes não são prisões!

Paredes não sufocam

Paredes são horizontes ...

E horizontes protegem!

Mente prende, parede não!

Paredes são disciplina

Uma disciplina que liberta

Paredes são voo

E voar é guardar

Porque liberdade é sinônimo de pertença.

E guardar é a forma mais sublime de continuar, e continuar a amar

Ahh Amar ...

Amar é eternidade!

Paredes ...

Paredes são calor, aconchego e benção

Paredes não são frieza e distanciamento!

Quisera que, todo mundo agora, e sempre, pudesse afivelar suas almas e inquietações somente as paredes de tijolo e cimento, daquelas que são permeadas por tetos e telhados para cobrirem não só suas cabeças, - mas para colorirem os seus corações de sonhos e protegerem de seus monstros invisíveis.

**Aline Venutto**

# PARTILHO

Bom dia (risos)!

Partilho meus merecimentos nas artes, mas tem que ver né, (mentira - risos)?

Sem pressão, sem culpa, na curva, na quina, no ponto da explicação (mentira - risos).

Tem que fazer outros tipos de leituras, sem frescuras, no frescor de onde se está, comeduras, sementeiras, segura... (risos).

Nossa base não é o Aurélio, mas dona Minina, anônima, pra cá, mas lá, rainha (monarquia não, liso não, lesão não (risos)).

Nem esses dicionários por aí cheios de lorotas da enganação, encanação, encarnação, armação, maldade, esgoto, desgosto, sal pra dar o gosto.

Partilho.

Minha obra é de graça, tá no mundo por aí, mas o que isso significa? Nada, começa tudo de novo, o povo? De Deus, a Deusa.

Nada, para a graaande maioria das gentes pois é assim mesmo, mentira (risos).

Ego, eco, ecológico, agro e quê, POP? Mentira, veneno.

Conversa fiada,afiada, estou por acaso falando com a finada?

Não, isso é vida, um outro tipo de amor, amor interior, autoamor, o inverso de poder dominador, opressor, aqui é meio libertador, outra ideia de liberdade, saudade, vaidade, insanidade. Será a idade? a maldade, a solidariedade? Palavras vazias, cheias de poréns e no meio, tu, tatu, katitu, te amo meus irmãos bichos, bichas, coisinhas lindas da vovó.

O “original” é outra coisa!

Vamos? fuuuui.....

Gratidão vida!!!

**Jaider Esbell**

# PELOURINHO

Pedras, herança colonial  
Por tantos carregadas  
Pedras reluzentes  
Pedras de ébano

Passado inesquecível  
Eternizado na gente

Pedras traiçoeiras, escorregadias  
Pedras marcadas de sangue  
Pedras onde se arrastaram corpos  
Corpos como se não fossem nada

Pedras de castigos  
Pedras da vergonha  
Pedras malfadadas

História do ontem e do hoje  
Repetida a cada irmão abatido

Por cada pedra, Pelourinho  
Uma mão se levante!  
Uma boca grite lute!  
Uma pedra seja arrancada!

**Karina G. de Sá**

# PERVERSÃO

Quanta perversão!

Tens certeza de tudo, nada vale o argumento.

Há demasiado exercício do patético. Inundo-me de pesar.

Parecem aderir ao projeto epidêmico do absurdo... sobrevivem à pão e circo, não passam do ridículo, seres de migalhas e ideias pífiás.

Idolotram o extermínio, mal sabem, a arma aponta contra sua face apaixonadamente cega.

Se veem num espelho deformado. Se apresentam pomposos, audazes, intocáveis, são meros marrecos afoitos violentos; o pequeno que quer ser grande.

Se há quem obedeça? Mais, beijam pés que pisam em cabeças, se fazem servos de um marreco, e com ele querem se reproduzir. Se reproduzem. Como vermes. Infestam os solos de agonia e mediocridade. Onde se olha há vazio travestido de Hércules.

Bastaria um sopro para se ver revelar o insignificante ser apequenado dotado de sua autoimagem transfigurada... Um marreco nu que berra ao vácuo, um ser ignóbil de riso macabro, um resto de poeira nefasta, corrupta.

Eis o sopro. O vento que derruba a imagem postiça.

Eis o sopro que nos falta.

**Monique Pena Kelles<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Advogada e mestranda em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

# PINDORAMA

O juiz e a gente  
De bem se juntaram  
Nas arcadas do verão.  
Domingos de sol a pino  
Desfraldaram a bandeira  
Morte à tosca companheira  
Morte ao ignaro rei  
Quem manda somos nós  
Povo escolhido com  
As tábuas da lei.  
Quem votou nessa mulher?  
Corja de vagabundos!  
Mostraremos a vós as contas  
Que nosso dinheiro refez.  
Ide, ide, procurai  
Vossos barracos, toldos,  
Paredes rachadas, abrigos,  
Marquises, tetos iguais.  
Um, dois, três,  
A fechadura da vez.

**Marilena de Curitiba**

# POEMA ESGANADO

Na gana de enganar, ganiu...  
no grunhido gozou engasgado a gangrena do engodo  
Na gangorra da agonia, galopou...  
no engate galgou gaguejante as glórias da guerra  
Na grandeza da ganância, gastou...  
no gáudio gravou garboso a gravidade da algaravia  
Na gazeta da galhardia, engavetou...  
no grito gorou agrilhado os gomos da gratidão  
No fim gemeu  
Gemeu esganado  
Num sopro de gente...

**Belmiro Jorge Patto**

# POEMA JURÍDICO

O direito busca a justiça e a equidade, uma teoria formidável, que infelizmente, na prática, acaba por vezes, deplorável

Mas não é por isso que devemos desistir,

Achar que é assim que o mundo funciona e regredir

Afinal, o que seria daqueles se não fossem amparados por quem os deram a chance de viver o improvável?

A luta por justiça é uma das mais lindas que se pode viver, porque glorifica o que há de mais belo e humano diante de apenas acolher

Empatia, pró-atividade, ética e honestidade, são pilares básicos de humanidade e através deles, encontramos e reconhecemos no outro, o que há de mais puro: a verdade

Lembro-me do primeiro período, estudando o direito, introdução ao estudo do mesmo, é algo fascinante e que me fez perceber o quão é importante sentir: o que vocês pretendem ao me pedir?

Essa profissão faz com que transformemos vidas tão profundamente, porque toca lá no interior, do psicológico ao sentimental, não é apenas físico, é mental

É certo que a justiça é a verdade em ação, mas como ouvir os lados, sem pender para um, na contramão?

O que é certo e o que é errado?

Precisamos de um princípio moral superior, que nos dê um norte para a solução do caso em vigor, atrelado ao direito natural, com uma justiça suprema, é o ordenamento ideal

O princípio da boa fé, geral, que diz respeito a todo o ordenamento, é interiormente jurídico, mas também moral, como podemos elucidar, a ética é essencial

Temos sempre que estar atentos a constituição, esse controle é imprescindível, para pormos em ordem, toda uma nação

O princípio da separação dos poderes então, é trazido pela administração pública, como um dos seus princípios fundamentais, àqueles

que representam as decisões políticas estruturais

As necessidades coletivas como justiça, saúde e bem estar, são asseguradas por meio de serviço público, poder de polícia, fomento e intervenção econômica, no entanto, enquanto o poder público disputar espaço comercial na mídia, estará a desqualificar aquilo que é um direito exemplar

A jurisdição é a capacidade do Estado de dizer o direito e impor a decisão, mas e a pretensão? Sempre satisfeita? Muitas vezes, não.

Já dizia Cappelletti e Bryan, a preocupação é justamente com o efetivo acesso à justiça, a lei de assistência judiciária, já garantia advogado para quem não possuía e a gratuidade das despesas processuais para quem não pode pagar? Também já assegurada, buscava e busca igualar, toda uma população, de forma salutar

Diante da dificuldade de nos organizarmos em relação ao coletivo, como assegurar os interesses metaindividuais, dispersivos?

Quem está legitimado para falar? Em nome do coletivo, podemos contar, com o Ministério Público e até entidades privadas, a associação de defesa do consumidor, desde que atue há mais de um ano, não deixa um cidadão sem o devido louvor

Foi criada também a ação civil pública, remédio processual para proteção desses interesses e que sem ela, não haveria reparação e nem punição daquele que desrespeitou a nossa tão prezada legislação

Ainda estamos vivendo a reorganização do Estado e do judiciário, aprimorando o que chamamos de normas instrumentais

Pensar em meios alternativos de solução de conflitos nos aparece em meio a isso, a arbitragem, a autocomposição na jurisdição estatal e dentro da própria jurisdição, o juizado de pequenas causas, nos trazem celeridade e menos custo, afinal, essa morosidade judiciária precisa de uma resolução cabal

É preciso chegar perto e escutar, o direito faz parte das nossas relações, não dá para ignorar, visto que está presente em tudo que se pode imaginar

Desde uma compra em um supermercado até uma discussão por volume alto, da expectativa de direito, que até o nascituro é contemplado sem medo, do direito subjetivo, prerrogativa de um titular ao

objetivo, enquanto regra imposta a bradar,

Do direito positivo, legislado em vigor ao adquirido, futuro, condicional, potestativo

O direito nos abre um leque de oportunidades, desde o público ao privado,

do nacional ao internacional,

Do contencioso ao consensual,

Do judicial ao extrajudicial,

de fato, são as leis que regem

o nosso ambiente estatal

Defensor, procurador,

promotor, mediador,

árbitro, juiz,

Advogado, professor,

Pesquisador, doutrinador,

Infinitas possibilidades de defender com amor aquilo que não se pode só escutar o que dizem, mas que deve-se perceber que há diversas vertentes para solucionar o melhor que podemos entregar

Rui Barbosa, na oração aos moços, paraninfando, já afirmava:

“Que se feche, pois, alguns momentos o livro da ciência; e folheemos juntos o da experiência.”

Com o advento da tecnologia e o meio em que vivemos hoje, ainda há que se falar no direito dos nossos dados, tão dispersos e “reservados”

O ambiente cibernético nos permite muito crescimento, mas por favor, que não nos deixemos levar pelo simples condicionamento

Automação e robotização são importantes, mas saibamos usá-las a nosso favor, para assim, nos desenvolvermos juntos, com fervor

Não queiramos o usual, vamos buscar o que nos preenche no emocional, afinal, que robô decidirá melhor que o próprio ser, vital?

**Larissa Vitória Costa Carrazzoni de Souza**

# POEMA MÓRBIDO

O Brasil vive uma overdose combinada de cloroquina e Tubaína em meio a 1179 mortes, uma a cada 73 segundos.

Desde 2013, vivemos a embriaguez de uma mistura excessiva entre ideologia e fanatismo, entre esquerda e direita, coxinhas e mortadelas.

Perdemos a noção do que somos e nem sabemos direto o que queremos. Não somos país, não somos nação e a cada dia morremos por dentro em centenas, milhares, centenas de milhares.

Na morbidez dos dias, sobrevivemos a desmandos, autoritarismo e um neoabsolutismo disfarçado de fascismo. Não há mais disfarce para dissimular fatos. Está tudo posto para quem puder ver.

Nas linhas mortas desta humilde obra há as marcas dos últimos anos sofridos, dos buracos que cavamos de um ego ferido criado pela ilusão mais violenta.

A verdade é que o Brasil se sabotou, se enterrou em panos verde e amarelo e tudo o que era patriotismo, virou pretexto para uma periódica morbidez. Foram anos empunhando um luto na ordem e no progresso.

Foram anos forjando uma honestidade morta...

Para lembrar: São quase 1200 mortes e ainda tem mais uma. Um sinônimo de esperança chamado João Pedro.

**Gustavo Medeiros**

# POR QUE SEMPRE O TEMPO?

Por que sempre o tempo?

O tempo dita as regras

O tempo dita os contratempos

O tempo é o que nos faz sedentos

O tempo nos mantém atentos

O tempo nos transforma em passos lentos

O tempo muda a percepção

O tempo trás a mansidão

O tempo trás a maturidade

Necessária para agir diante das arbitrariedades

Do tempo almejamos ter controle

O tempo nos causa demasiadas dores

O tempo cura nossas feridas

O tempo nos ensina a seguir na vida

Nos compassos de emoções

Encontrando direções

Velejamos no mar da vida

Encontrando saídas Diante de tudo o que nos tem cercado

O tempo muda completamente

Aquilo que pensávamos ser antigamente

Nos trás ideias tão patentes

Do que somos e almejamos ser

O tempo nos leva além de nós

Nos faz encontrar o reflexo do eu

Nos leva para longe do passado Inibindo o que não nos serve de agrado

O tempo muda a gente

O tempo todo trás o novo

Nem sempre é tão generoso

Mas ao notar a finitude dos segundos

O planejamento ideal é buscar ser essência

Diante da excrecência do que nos tem surgido  
Da futilidade e obviedade  
Do distanciamento das reflexões verdadeiras  
De tudo o que nos completa  
No interno sentimento da veracidade do eu  
O tempo ultrapassa qualquer barreira  
Qualquer limite circunstancial  
Ou nexo causal  
Lapso temporal  
Devaneio anormal  
O tempo passa e só nos deixa lembranças

**Paula Yurie Abiko**

# PRIMAVERA

A chegada do meio-termo  
Do meio do tempo  
Da estação amena  
Da temperança que acalenta S2  
Um tempo primordial  
De olhar multifocal  
Beleza inaugural  
Algo sobrenatural  
De ignota essência S2  
A Natureza em suas muitas cores  
O aroma cheio de sabor de todas as flores  
E a claridade do sol pelos ares S2  
Na roupagem dos lírios a inocência  
Das orquídeas a beleza feminina e sua cadência  
Da copa das árvores a sombra da ausência  
Do girassol a busca pela luminescência S2  
Canto livre e simplório de tantos pássaros  
Nos dando tantos sorrisos raros  
Refazimento, animo e muitos mais preparos  
Essa prima-vera em seus muitos amparos  
Enchendo a vida da própria vida  
Transformando toda a nossa lida  
Nessa estação surgida  
Afirmamos que a vida é permanente ida. S2  
Travessia que se faz em mim  
Que não possui um fim  
Percorrendo todos os caminhos feito um trampolim.

**Aline Venutto**

# QUASE 6 ANOS... (CONSTRUÇÃO)

Imagina nosso primeiro “oi”,  
Obra do que sonhamos,  
Observa o que ainda vamos construir,  
Agradece pelo já temos,  
Reza pelo que teremos.

Cada um(a) sê em si,  
Pelo que somos,  
Pelo que seremos,  
Pelo amor que temos.

Amor em si, agradecimento.  
Nosso eterno Renascimento.

Cresce,  
Não estraga,  
Fortalece em nossa rotina,  
Matéria prima.  
(24.01.2020)

**Patrícia Salviano**

# QUE TAL VIRARMOS A PÁGINA JUNTOS?

Olá! Eu sou Idayane Ferreira. Meu primeiro contato com a leitura (e literatura) se deu por volta dos seis anos de idade, foi paixão à primeira lida. Passados pouco mais de 20 anos me tornei, sobretudo, uma ávida apreciadora de livros e de literatura. Recorro ao meu poeta favorito, o Drummond, para fazer um convite:

*Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave? (in Procura da Poesia). E garanto: ando sempre com a minha [chave] no bolso.*

*“se do livro me livro, como livre serei?” (Silas Fonseca)*

A despeito de parecer título de coluna de autoajuda Virando a Página vai tratar sobre literatura e livros. Enquanto pensava num nome que pudesse expressar a vontade de compartilhar minhas impressões literárias (o que já faço entre meus amigos mais próximos), me dei conta de que todo mundo já virou a página alguma vez na vida, seja por causa de “uma dor de cotovelo” ou lendo um livro (aí sim de forma literal). Não sei precisar em qual das duas situações seja mais difícil “virar a página”: superando um relacionamento ou lendo um livro. Mas com relação ao segundo caso, uma pesquisa de 2016 (Retratos da Leitura), realizada pelo Ibope por encomenda do Instituto Pró-Livro, traz alguns dados interessantes: o brasileiro lê em média 2,43 livros por ano, 44% da população brasileira não lê, 30% nunca comprou um livro e quando se trata de “o que gosta de fazer no tempo livre” ler ficou em 10º lugar. Então, se você estiver precisando virar a página de um livro: chega mais!

Ano passado eu li 69 livros, nada mal para quem, em 2016, tinha lido apenas oito, né? Compartilho algumas dicas que funcionam bem comigo e tem me ajudado a ler mais:

- Alterne livros mais grossos com mais finos

- Leia todos os dias, nem que seja apenas uma página.
  - Tenha um lugar confortável onde você possa ler.
  - Faça pequenos auto desafios do tipo “hoje vou ler 10 páginas”, “vou ler este capítulo todo antes de dormir”, “vou ler quatro poemas”, “vou ler...”
  - Escolha o melhor horário de leitura e torne isso parte da sua rotina, um hábito.
  - Leia para alguém: seus sobrinhos, filhos, namorado, marido, mulher e etc.
  - Tenha sempre um livro em mãos, principalmente se você vai precisar ficar em filas de espera.
  - Leia um livro de cada vez.
  - Converse com alguém sobre os livros que você está lendo. Pode parecer bobagem, mas isso te incentiva a ler mais.
  - Aprenda a não “forçar a barra” com um livro. A leitura não está fluindo de jeito nenhum? Não tenha medo de trocar de livro. Mas, fique atento para o fato de que, às vezes, não está fluindo por preguiça e não porque o livro exige um pouco mais da sua energia.
- Se você leu até aqui: espero ter ajudado e desejo ótimas leituras.

**Idayane Ferreira**

# QUEBRADA

Eu quebro velas, só pra passar,  
um tempinho a mais com você.  
Eu quebro minha coluna,  
Para alcançar seu pescoço e beijá-lo.  
Eu quebro meus princípios,  
Pra te cheirar um pouco sem culpa.  
Eu quebro minha seriedade,  
Quando você chega perto.  
É verdade, você me quebra.  
O ruim, é que eu tenho que recolher,  
Meus pedaços quebrados,  
Sozinha.

**Elizabete de Araújo Souza**

# REALIDADES

Vejo sangue  
Vejo cacos de vidro  
Almas ao relento  
Sedento de sentimento

Vejo dor  
Pessoas correndo  
Contra o tempo e procurando  
Dominar o tempo atroz dos dias

Buscar algo em demasia  
Nostalgia ...  
As horas o tempo  
Escorregam e não nos dão tréguas

De pensar com clareza  
Sentir com destreza  
Reflexão com inteireza  
De conteúdo e profundidade

Pois devemos cumprir as metas diárias  
Como quem está sempre afoito  
Seguindo os passos cansados  
Almejando manter- se em pé

A ralé mora ao lado  
Não é necessário andar muito  
Para ver a destruição do eu  
Batendo a porta de nossas janelas

Denotando que o mundo é muito mais do que nos tem surgido  
Demonstrando nossa impotência  
E ineficiência  
Diante de um caos instaurado  
Sem previsões de ser melhorado  
Diante das atrocidades e agonias mundanas  
Notícias profanas, sentimentos de inutilidade

Enquanto passava com pressa  
Buscando o que interessa  
Eramos bombardeados pela realidade  
Do horror e iniquidade

Sem conseguir demasiadas vezes  
Mover um grão  
Decepção! Assim caminhamos rumo a vala  
Nos embriagando de boas ideias

E de utopia  
Pois para seguir é necessário  
Absorver o essencial  
Para não sermos parados por tantas reflexões

Hamlet já citava  
O que seria mais nobre para o espírito  
Suportar os dardos do ultrajante fardo adverso?  
No fim é isso: resistir para seguir

**Paula Yurie Abiko**

# RESOLUÇÃO NOTURNA

Resolvi escrever,  
Usar a noite de alguma forma,  
Seja conto,  
História,  
Estórias de amor...  
Sentimentos vividos,  
Não vividos.  
Imaginados ou não.  
Cabe a mim, juntar palavras.  
Tornar voz o que é silêncio,  
Observar o que não se vê.  
Doce,  
Amarga,  
Verdadeira mentira  
Há de sair da ponta desse lápis azul...  
E “azul sendo a cor mais quente”,  
Derrete meu corpo sobre a cama  
Até adormecer meus pensamentos.  
(19.01.2020)

**Patrícia Salviano**

# SENTIR

A cada dia me sinto desmoronar, peça por peça, até não sobrar nada do que eu sou.

A cada instante luto contra os meus pensamentos e me vejo de cara com um espelho cheio de coisas que eu não aceito em mim. Sinto-me perdido, doído na alma.

Desmorono-me, por dentro e por fora. E neste período de clausura social, boa parte de mim se esvai pelo ralo da convivência.

Sinto falta do que eu sou e temo pelo que serei após toda essa loucura. É um misto de esperança e medo daquilo que virá da fé que eu tenho e do que não creio e questiono.

Dia após dia, escrevo diferente do que eu sinto. As linhas são retas, os argumentos são certos, mas o sentir vai na linha oposta. É uma sensação muito estranha.

A cada dia que passa, me sinto ruir. Temo não sobrar nada de mim.

**Gustavo Medeiros**

# SEXTA FEIRA NA BAHIA

Janeiro de 2020,  
Criei um hábito,  
Uma rotina  
A cada noite um rabisco,  
Ao silenciar da madrugada um grito mudo de poesia.

Me contradigo.  
Agora é tarde e escrevo,  
São quase “chá das 5”.

Janeiro de 2020,  
Quebrei o hábito,  
Gosto, mas não me dou com rotinas.

Escrevi antes do por do sol,  
Era verão e chovia,  
Eu não estava de branco,  
Sexta feira na Bahia.

Quebrei o hábito,  
Gosto, mas não me dou com rotinas.  
(24.01.2020)

**Patrícia Salviano**

# SOB A ÓTICA DESSE PRISMA

Vou começar este artigo dando as definições de prisma.

Na geometria o prisma é o sólido delimitado por faces planas, no qual as bases situam-se em planos paralelos. Quanto à inclinação das arestas laterais, os prismas podem ser retos ou oblíquos.

No entanto, para o conceito da óptica, é chamado prisma o elemento óptico transparente com superfícies retas e polidas, que é capaz de refratar a luz nele incidida.

A forma figurativa do prisma é o modo de ver ou considerar algo, por isso a expressão “sob a ótica desse prisma”.

Feitas estas considerações, podemos dizer que, dependendo do lado que você está, a visão será totalmente diferente da do outro lado.

Podemos citar o número 6, por exemplo. Se inverter o lado, a visão será do número 9. E ambas as visões estão corretas. É como uma garrafa com metade de água. Ela está meio cheia, mas também está meio vazia.

Existem casos, a meu ver, que várias visões podem estar equivocadas, por estarem fora do foco da visão central, que seria a real.

Existem casos piores ainda, que a visão parte de outra visão já comprometida.

Assim, entendo que importante haver líderes, mas tão importante quanto é não segui-los cegamente, pois não sabemos ao certo a ótica de suas visões.

Penso que, o verdadeiro líder ouve seu povo e procura corrigir os seus erros. Afinal somos humanos.

Assim é a vida. Nosso objetivo deveria ser chegar o mais próximo possível da visão real, para que não haja distorções.

Duvidar, questionar, refletir e concluir. Formadores de opiniões devem refletir muito sobre estas questões.

É muito perigoso seguir alguém que possa ter uma visão distor-

cida e não permite questionamentos, antes impõe sua doutrina.

Atingir a visão real, não significa dizer que todos precisam pensar de maneira igual. Mas sim que é ideal apurar os fatos, duvidar dos pensamentos, inclusive dos nossos próprios, já que cientificamente 95% deles não se concretizam.

Devemos duvidar de nossos medos, das nossas fobias, confrontá-los. Devemos duvidar de nossa incapacidade. Muitas coisas eram impossíveis até que alguém as tornou possíveis.

E por fim, precisamos ter respeito pela opinião alheia e exigir que a nossa seja respeitada também.

Cabe aqui a citação que foi atribuída a Voltaire, mas que na verdade é de Evelyn Beatrice Hall, que a citou ao escrever a biografia dele: “Posso não concordar com nenhuma das palavras que você disser, mas defenderei até a morte o direito de você dizê-las.”

Todos têm direito de expressar suas opiniões. Aliás, esta é melhor forma de resolver conflitos.

Mas manter a mente aberta para novas possibilidades é ter sabedoria.

Portanto, sob a ótica desse prisma, o cerne da questão é: ouça e faz-se ouvir. Decida, mas após duvidar, questionar e refletir muito.

O conhecimento é um tesouro que quanto mais dividimos mais valioso ele se torna.

**Bianca Rosenthal**

# **SOBREVOE**

Cada novo horizonte pluraliza o olhar  
Amplia se a visão sonhadora  
A mente abre possibilidades  
De alcançar objetivos  
Utopia, sonhos  
Realidade!

Afinal, viver num mundo fechado  
É regressar seu pensamento  
Aceitar a convicção  
De estacionamento,  
Estacionar.

Ideologia autônoma é chave  
Para alcançar progresso  
Visão holística,  
Sucesso.

Olhar de águia  
Plenitude sábia  
Sabedoria...

Sonhe concepções,  
Autenticidade.

Sobrevoe!!!

**Edson Silveira**

# SOMOS A MELHOR INVENÇÃO DA ARTE

Um mergulho no conhecimento  
E ninguém sabe a passagem de volta,  
Nem mesmo a ciência com suas criações e métodos fantásticos.  
Desconfio que sejam os nossos sentimentos  
Servindo de bússolas  
Que nos levam e nos trazem sempre às voltas.  
Mares adentram os seres encantados,  
Fazendo o acontecer nesse mundo paralelo,  
Um céu de amor  
Dentro de todo ser.  
Atravessaremos caminhos até o salvamar  
E chegaremos à serenidade  
De poder renascer a cada verso  
E transformar  
Tudo quanto há,  
Numa gota de mar  
No universo da arte.

**Ualy Matos**

# TATUAGEM

Verdades ocultas...  
Repousadas em macia tez  
Revelam a Transitória  
Volúpia antropofágica...  
Descrita em pários pares alados  
que margeiam o manancial  
resoluto que acalenta...  
O selvagem espírito de liberdade!  
Deixe que os ventos soprem  
o lúbrico impoluto querer!  
Que os lábios, regozije-se, em si  
do apetite da soberana libélula  
atenta ao prelúdio do distinto destino

**Rodrigo Luz**

# TEMPOS DIFÍCIES

Em tempos difíceis, prefiro fugir. Ir para dentro de mim. No interior da minha alma, corro nas estradas sinuosas. Para onde vou???

No correr de dentro de mim, o viver se questiona. A cada quilômetro corrido, o pensamento acelera e os questionamentos aumentam.

Lá de dentro, lá de longe da alma, vem o frescor de uma manhã na roça. Sinto a relva macia nas minhas viagens mentais e do nada ouço uma moda que fala de retornos, de idas e voltas, da chegada e da partida.

E das lembranças, dos sons que eram ouvidos nos alto falantes em dias de feira, a imaginação se aprofunda e as lágrimas descem como água de cachoeira.

Das viagens da mente, dos sonhos profundos e da imaginação, à hora de voltar à frieza da realidade que nos espera com notícias de corpos amontoados em valas comuns.

São tempos difíceis onde a única viagem a ser feita é a da alma.

**Gustavo Medeiros**

# TENTATIVA DE POEMA

Um dia me perguntaram se eu já tinha cometido algum crime

Respondi que sim, ao que meu interlocutor incrédulo me perguntou: “mas qual crime cometeste?”.

E eu ligeiro respondi: “Escrever!”.

E meu interlocutor: “Como assim escrever!?”.

E eu respondi: Escrever em um reino onde o soberano ama a boçalidade, é um ato revolucionário. E eu escrevo sobre a vida, a morte, a dor a tragédia e talvez até sobre o amor. Em tempos angustiantes e formado por pessoas hipócritas e egoístas, somente o afeto pode ser revolucionário.

Porque pelo afeto as pessoas passam a sorrir, o afeto faz as pessoas se sentirem confortadas em um mundo cada vez mais angustiante e medicalizado.

Pode ser que até um dia eu seja preso e as pessoas passem a perguntar qual crime que eu cometi. Uns dirão que é porque sou comunista — mas na realidade nunca fui —, outros dirão que é por causa de uns ditos “criminosos” que eu defendo — ainda que alguns dos apontadores cometam barbaridades muito maiores —, mas na verdade mesmo o maior crime que eu cometi e que talvez seja digno de me levar à masmorra, é o de tentar ser poeta, porque em um mundo tão vazio é tão sem amor, expressar sentimentos provavelmente é o crime mais grave da história.

**Jefferson de Carvalho Gomes**

# \*TOC TOC\*

O misterioso barulho chega ao céu  
Anunciando os anjos  
Rapidamente.

Vai voando  
Majestade  
Pelas ruas da tua cidade  
Pelos amores do teu caminho  
Deixando seus desatinos.

Vai voando...  
Abandona os sapatos  
Chega ao céu  
Sem fardo

Suas asas  
São cortadas  
Através das estrelas  
Foi arrebatado

Agora  
Tem luz própria  
Voa sozinho

Seu espírito  
Torna-se  
Aos poucos, incandescente

Grande estrela  
Brilha para mim, intensamente

Como um planeta

Perto da lua cheia  
Em frente

A um número gigantesco de pessoas  
Tentando chegar lá em cima  
Sem acreditar lá em cima.

Eu sei que tu  
Estás onde os pássaros voam  
A melodia

Do paraíso  
Parece um pouco  
Com a vida

Sendo levada  
Pela maré baixa  
E ao meio-dia,

Grande estrela  
Tu também tens teu lugar  
entre poetas e poesias.

Pouse perto da lua  
E, devagarinho,  
olhe para a terra...

Toc toc

Alguém bate em sua porta  
A noite se encerra

e um sol se põe antes do fim.

Tic tac  
O relógio está parado  
Mas você brilha

Perto de mim.

Sua voz não fala  
Mas há o que escutar

Sem proibição  
Quando palavras de amor  
Estremece a luz do luar

Invadindo até a escuridão  
Com a sua canção  
Que chega ao infinito

Grande estrela, teu amor puro tortura  
A morte e tu voltas  
Num raio de sol divino

Preparando seu povo  
para o fim dessa guerra

É, meu amigo,  
Ainda é Primavera

E venho procurar  
Perdidamente apaixonada  
Pela tua maresia

Em todos os raios de sol  
Do meu dia

Teu olhar também tranquilo  
A voltar-se para mim.

**Patrícia Oliveira**

# TRAVESSIA

A paixão pelo Direito antecede a minha compreensão  
Porque desde de muito pequenininha afirmava essa paixão  
Talvez a compreensão e a paixão tenham nascido juntas  
Mas também pode ser que não.

Sempre entendi que Direito, Justiça e força de lei se juntavam com  
imparcial exatidão  
Para assegurar que todo mundo fosse tratado como irmão.  
Foi ai que eu senti que as vezes faltava compaixão  
Caminhando por entre a vastidão  
Doutrina, Súmula, Acórdão, Decisão  
Vi que tudo sempre esteve ali ditado em nossa Constituição  
Mas estudando e sempre lendo, notei que às palavras faltava ação.

A Justiça sem força é impotente  
A força sem justiça é inclemente  
O Direito é para atender a gente  
Que deseja ser feliz primeiramente.

Ao povo enquanto legitimador do Estado  
Falta ser empossado  
E ter seu reconhecimento moral legalizado  
Já que boa parte dos seus se vê marginalizado.

A necessidade é sempre gritante  
Para que as teorias e leis nos sejam o bastante  
Mas no exercício isso se vê obstante.

E foi ai que o destino agiu  
E mais uma vez duas paixões uniu

O Direito como um sonho infantil  
E a literatura que de minha mãe para mim sempre fluiu.

Vi então  
Um caminho repleto de fascinação  
Onde o outro faz sempre morada em todo coração  
Uma humanidade através da transformação  
A hospitalidade da escuta que encontra a multidão  
E no Direito “e” Literatura tive as asas que eu queria para seguir;  
O melhor pro outro que motivava o meu agir  
Como quem atua no Direito e almeja sempre prosseguir  
De uma coletividade que junto é capaz de florir.

O Direito carece da Literatura  
Para além da leitura, moldar nossa aura de candura  
Para ensinar ao brincar com as palavras  
a capacidade de estar no outro também pelas apalavras

Ressignificar e, nos fazer seres tolerantes  
Que se abraçam, sabendo se errantes  
Porque é nessa vulnerabilidade que nos fazemos semelhantes.

Que a arte nos aponte uma resposta,  
E que a humanidade em nós seja sempre sinônimo da cura  
Para que dessa ação oposta  
Nos contaminemos de amor e ternura.

**Aline Venutto**

# UM MERGULHO NO AZUL

Já havia um tempo que os primeiros raios solares teriam tocado na janela do quarto, e havia uma inércia envolta ao meu corpo e entrelaçada à minha mente. Não conseguia desprender o olhar da xícara de café, pois estava imergida no “café buraco negro” e dentro de um “instante - quase” era como se a vida não fosse real. Me deparei pensando em momentos em que a vida se ausenta e se torna irreal. Tinha rabiscado dois versos e não saía disso. Presa em palavras. Então, virei o rosto e pus o olhar na janela para contemplar o dia e suas cores vibrantes me levaram a questionar sobre o modo que enxergamos os tons e como precisamos ressignificar as cores em dias nublados.

Tornei a pensar no “café buraco negro”, eu parecia mais um nefelibata que desconhece o equilíbrio entre o real e o irreal, entre a superfície e o profundo, entre o ser e o não ser. “E se eu fosse eu?” Porque eu tenho que ser? Não se foge do ser! Onde o eu persiste? E por que resiste? Penso que é uma constante. Um mergulho no azul escuro do oceano e um voo em velocidade frenética aos azuis celeste dos céus. Tudo ao mesmo tempo. E tudo resulta em nada e em verso.

**Jordane Oliveira**

# UM RECADO JOVEM AOS JOVENS-ADULTOS: REFLITAMOS SOBRE A VIDA E SUA SETÊNIALIDADE

“Não se pode mudar o mundo, mas podemos aprender a viver nele”

“Não se pode mudar as pessoas, mas podemos ajudá-las a transformar a si próprias”

Este texto, que mais se parece com um rascunho de desabafo mal-acabado, fala da vida e de seus ciclos. Não só isso, arisca-se enunciar uma reflexão direcionada aos jovens-adultos, aquelas pessoas que se encontram no conflito – delicado e infundável – entre ciclos: o da juventude e o da fase adulta. A compreensão das fases ou os ciclos da vida é indispensável ao aprendizado de nós mesmos e sobre o que nos rodeia: conhecer cada uma das fases pelas quais nós passamos e refletir sobre elas nos permite aprender como lidar melhor com cada uma delas.

Sem mais delongas, falemos sobre ciclos.

Certa vez, quando menos atarefado, decidi – curiosamente – dar uma pausa, ainda que temporária, em minhas atividades acadêmicas (de estudo e de pesquisa, haja vista ser graduando em Direito), para fugir da rotina, respirar novos ares – deixando um pouco de lado o mundo jurídico - e refletir sobre a vida e às suas fases.

Ao me permitir enxergar outros horizontes, deparei-me com algo que até então não conhecia: a “Teoria dos Setênios”.

Criada pelo filósofo austríaco Rudolf Steiner, a Teoria dos Se-

tênios - que encontra morada na antropofasia<sup>1</sup> - defende que a vida se subdivide em ciclos. Ainda, isso rememora um número: o número 7 (sim, este número) e um período: uma setênialidade (ou seja, sete anos). Essa escolha não se deu por acaso e foi fruto do estudo desse filósofo sobre o funcionamento da natureza de seus ritmos: a natureza funciona e se ritmiza através de ciclos.

Os três primeiros ciclos, que compreendem nossa fase 0 a 21 anos, são denominados “setênios do corpo”. É o ciclo do amadurecimento físico, do corpo, e que também é responsável por formar a nossa personalidade. Os três ciclos seguintes, que vão de 21 a 42 anos, são conhecidos como “setênio da alma”. Trata-se da fase em que, superadas as experiências básicas da vida, inserimo-nos na sociedade, fazendo escolhas quanto ao rumo de nossas vidas, tais como casar, ou não, trabalhar, ou não, ter filhos, ou não, conviver mais ou menos com a família, trabalhar em uma área específica. E, após os 42 anos, quando vivenciados os últimos setênios, estamos realmente preparados para imergirmos na vida com maturidade, profundidade e espiritualidade.

Mas, por que falar em teoria dos setênios e de que forma ela nos permite refletir sobre a vida?

Rudolf Steiner – criador da Teoria ora mencionada – nos ensina a viver a vida de forma cíclica e observar os ritmos da natureza.

A cada ciclo (de sete anos), aprendemos com o ciclo que se passou, desenvolvemos habilidades, assimilamos um conjunto de factores e caminhamos para o próximo período no qual esse ciclo se repetirá. Assim, a cada setênio (a cada sete anos) nossa vida muda por completo. Será se já paramos para pensar nisso? Em qual ciclo nós estamos? Onde nós estávamos há sete anos? Com quem estávamos? O que estávamos fazendo? Quais eram os nossos planos? De lá pra cá, tudo

---

1 Muito resumidamente, a antropofasia é uma linha de pensamento, criada pelo filósofo austríaco Rudolf Steiner, que defende uma “pedagogia do viver”, abrangendo várias áreas da vida humana, como o campo da saúde, o campo educacional, etc. Conforme tal linha de pensamento, o ser humano, como parte do mundo, deve conhecer a si mesmo para conhecer o universo. Trata-se de “um caminho de conhecimento que deseja levar o espiritual da entidade humana para o espiritual do universo”, e que defende existir uma subdivisão de ciclos da vida, intitulando-a “Teoria dos Setênios”. Ainda, é uma forma de ler e interpretar a vida a partir de seus ciclos.

mudou? Nós mudamos? Tantos questionamentos para pouco tempo: conhecer a si mesmo e a natureza e seus ritmos nunca foi – nem será – uma tarefa fácil.

E eis o dilema da vida: o que fazer a cada ciclo setênial (de 7 anos)? Há quem diga que a cada intervalo setenial seria o tempo que levamos para absorver todo o conhecimento de um ciclo para, depois, partir para novos desafios. Poder-se-ia falar que é momento para transformar a nós mesmos? E mudar outrem? Se sim, como fazê-lo? Se não, por que não? Voltamos aos famosos ‘porquês’ (e não, não me refiro aos 13 porquês – “13 Reasons Why”) que inquietam todo e qualquer ser humano, aqueles sobre os quais a Paulla Toller falou em sua música “Oito Anos”.

A bem da verdade, porém, Não se pode “mudar o mundo”, mas, como num filme: “muita calma nessa hora, muita hora nessa calma”, não há por que se desesperar e pensar que tudo está perdido. Ainda que nós não possamos “mudar o mundo”, podemos, sim, interferir, que bom seria “mudá-lo”, nele, do nosso modo, à nossa maneira, deixando a nossa marca. Caberia saber, porém, qual marca queremos deixar, que dirá como queremos ser lembrados: a de bondade e generosidade, ou a de maldade e perversidade?

**Renan Francelino da Silva**

# UM SOL DE PALAVRAS

Quantas verdades serão necessárias  
Até que o tempo apague  
A vida de um ser que se diz feliz,  
Que não aprendeu a viver em paz?

As principais guerras são travadas  
Na cabeça do homem,  
Contra as impregnações e ameaças  
De falsos eus, que se viraram contra si mesmos,  
Por meio dos pensamentos mais vis,  
Que sufocam a existência de sua própria luz.

Quero o desejo que me mostre  
O ser capaz de compreender,  
A vontade de viver livre sem extinguir a vida alheia.

Viva sua própria insanidade,  
Um sol de verdades,  
E encontrará a felicidade.

Não vê que toda forma de liberdade  
Guarda trancada uma loucura?

O sol da justiça gira em volta  
De todo ser vivente,  
Trazendo a luz do mundo,  
Produzindo sombras.  
Faça as pazes com elas.  
Sinta-as, sem querer compreendê-las.

As estrelas não brilham  
Porque elas têm medo do escuro,  
Mas, sim, porque aprenderam  
A conviver com seu lado mais sombrio  
E a compartilhar do brilho verdadeiro.

Uma só palavra de amor é capaz  
De iluminar o mundo inteiro.

**Ualy Castro Matos**

# UNS VERSOS ENTRANHADOS

*Inspirado em visita à Penitenciária Feminina Abreu e Lima (PFAL), em Pernambuco.*

I.

“Teve rebelião hoje, vocês vão querer entrar?”

Boas-vindas sem cheiro na testa nem aperto de mão

Rangendo as entranhas até mãos e pés começarem a vazar

Nos entreolhamos detector adentro

Um apito.

Ufa, eram apenas os botões metálicos da minha calça jeans

*Jeans* também usava a bailarina

Tínhamos, inclusive, semelhanças em nome

E era uma *outsider*, assim como também sou

Aliás

dizia-se *outsider*

Como também me digo às vezes

De resto, via o mundo pelas frestas do pavilhão

Já eu

Esforçava-me por ter olhos que ao menos irrompessem o tal centro de gravidade

Se bem me lembro das aulas de Física

Que dizê-la

Ela começou:

- Sou dançarina!

O fim da história é como dá pra imaginar

Ambas temos *Facebook*

Mas ela carregou muito mais pedras.

Quilos, na verdade

Foi assim que não pôde ver o adolecer do filho

## II.

Aqui fora, vejo linhas cruzadas por toda a parte  
Vem à lembrança a bailarina encarcerada  
Disse-me que quando sair não quer saber de pedra  
E eu  
Nunca quis

Quê mais nos aproximará?  
É a pergunta que prefiro responder  
A outra  
Ah  
essa atritará/como também aprendi nas aulas de Física  
com o pó encoberto pelos nossos tapetes  
“Teve rebelião hoje, vocês vão querer entrar?”

**Milena Márcia de Almeida Alves**

# VESTIR NÓS MESMOS

Somos seres tendenciosos e passamos por processos que podem revelar algo de nossas disponibilidades, muitas vezes é preciso tirar uma casca quando nós pensamos nos valores simbólicos das coisas, pessoas, ações e gostos. Tudo isso é possível que seja pensado fora da questão de um corpo, porque nós somos instáveis e não somente voluptuosos. A ideia não é que seja desprezada a matéria, a corporificação, mas também, saber que não podemos nos resumir somente a ela, (SAPIR, 2015, p. 119) ao nos dizer que “não há nenhuma razão para que o culturalista tenha medo do conceito de personalidade”, tem uma pretensão sobre a maneira de compreender os aspectos que os antropólogos – ou os que buscam estudar à cultura – tentam agrupar alguns hábitos e denominá-los. Se partimos de uma construção social, é preciso sabermos que não estamos mais em diálogo somente com o outro, mas com o nosso “eu” enquanto sujeito histórico, isso é bom, é a partir daí que começamos a entender um modo mais racional desses sentidos “carregados” da nossa individualidade. É pensando nesses valores simbólicos que a gente subverte a ordem no “normal”, é como uma frase que me chamou atenção em uma produção documental, sobre a vida do cartunista brasileiro Laerte Coutinho, proferida pelo mesmo, “eu não me visto mais só para não está pelado”. Jamais nos dispamos de nós.

**Carlos Henrique Duarte Araújo**

# VIVEMOS EM DISFORIA...

O mal-estar já é parte do corpo, é incontrolável. Há medo em absoluto; do outro. Pânico consome-se como cereal.

A linguagem se refaz. Nos é amputada a origem, nos é imposta línguas de outros. Nossa história é enterrada dia a dia.

Bestilizados, oferecemos a pá de cal. Mal sabemos, enterramos nossos próprios corpos, em nome do mandante do além. Aquele que veneramos... oferecemos borracha à identidade. É a tal serventia voluntária, idolatria que nos contraria. Estamos fingimos paralisia.

Somos fruto do esquizofrênico, do frenesi dos sentidos.

Conspiram contra os impulsos. Não nos querem gente, nos exigem ser apenas uma única vertente... torna-se invisível o sensível, torna-se negativo o plural... dão nome ao inominável, repelem o sintoma, desgraçam a experiência.

Há guerra. Mas o inimigo não se deixa ver. Na trincheira, há bando de iguais; os nada contra ninguém. Joga -se chama ao além, queimamos o mal resolvido, acobertamos o desentendido, que logo retornará em forma de assombro.

A ferida não se cicatriza. Estamos absortos em constante ojeriza. Seguimos mesmo assim, queimamos livros, árvores, culturas, gentes, nós.

Aguardemos a figura angelical pela fresta? Não. Retornemos à razão. Retiremos as vendas, o óbvio está em nossa frente, basta se permitir enxergar. Seguremos a mão dos companheiros, adentremos a realidade, por mais revoltosa que seja. A partir dela, um novo criar, uma terra firme pisar.

**Monique Pena Kelles<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Advogada e mestranda em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Os poemas publicados por autores de diferentes áreas na coluna “Direito e Arte” do site Empório do Direito, durante os anos de 2018 a 2020, encontram-se cronologicamente reunidos em quatro livros, cuja sequência de títulos coloca em jogo os termos Poesia e Direito: “Pelo Direito da Poesia!”, “Pela Poesia do Direito!”, “Pela Poesia no Direito!”, e “Pelo Direito na Poesia!”. Mas afinal, onde reside a poesia? Como encontrar o endereço de sua mágica morada?

Percorrendo o mapa interno dos quatro volumes, o leitor se depara com a vizinhança entre duas formas de arte – poemas e fotografias – que se associam (conforme seleção da organizadora Taysa Matos) em torno da poesia, essa habitante de diversas moradas. O poeta e ensaísta mexicano Octávio Paz, em um dos capítulos do seu livro “O Arco e a Lira”, obra teórica de forte viés poético, afirma que “uma tela, uma escultura, uma dança são, a seu modo, poemas. E esse modo não é muito diferente ao do poema feito de palavras. A diversidade de artes não impede sua unidade”. A poesia mostra não ter residência fixa, antes transita por diferentes campos da arte e da vida, expressando-se por meio de diferentes signos: da móvel arquitetura das palavras aos diversos ângulos da fotografia; da tela pintada à contemplação de uma paisagem; do eu lírico ao eu social; das narrativas da ficção às narrativas da história; do privado mundo interior ao público espaço das relações humanas. Afinal, voltando aos sábios ensinamentos de Octávio Paz: “paisagens, pessoas e fatos podem ser poéticos: são poesias sem ser poemas”.

**Marisa Aurea de Sá Falcão**

Doutora em Literatura e Cultura (UFBA)



## Autores

Aicha Eroud  
Alanis Marcela Carvalho Matzembacher  
Aline Venutto  
Ana Patricia Gonzalez  
Belmiro Jorge Patto  
Bianca Rosenthal  
Bruno Takahashi  
Caio Vlasak  
Carlos Henrique Duarte Araújo  
Edson Pereira Silveira  
Eliane Câmara  
Elizabeth de Araújo Souza  
Ezilda Melo  
Fábio Junqueira Barbosa Teixeira  
Gabriela Ponce  
Gustavo Medeiros  
Idayane Ferreira  
Imane Rane  
Ismar Nascimento Jr.  
Jaider Esbell  
Jefferson de Carvalho Gomes  
Karina Guerreiro de Sá  
Larissa Vitória Costa

Laura Cecília Fagundes  
Marcia Leticia Gomes  
Marilena Wolf de Mello Braga  
Milena Márcia de Almeida Alves  
Monique Pena Kelles  
Nely Nazareth  
Níc Cardeal  
Paloma Braga  
Patrícia Leite Carvão  
Patrícia Salviano  
Patty Oliver  
Paula Yurie Abiko  
Poliana Policarpo  
Rafaela Alban  
Raique Lucas de J. Correia  
Renan Francelino da Silva  
Rodolfo Pamplona Filho  
Rodrigo Luz  
Sebastião Marques Neto  
Suelen Tavares Gil  
Taysa Matos  
Ualy Castro Matos  
Wellington Jacó Messias